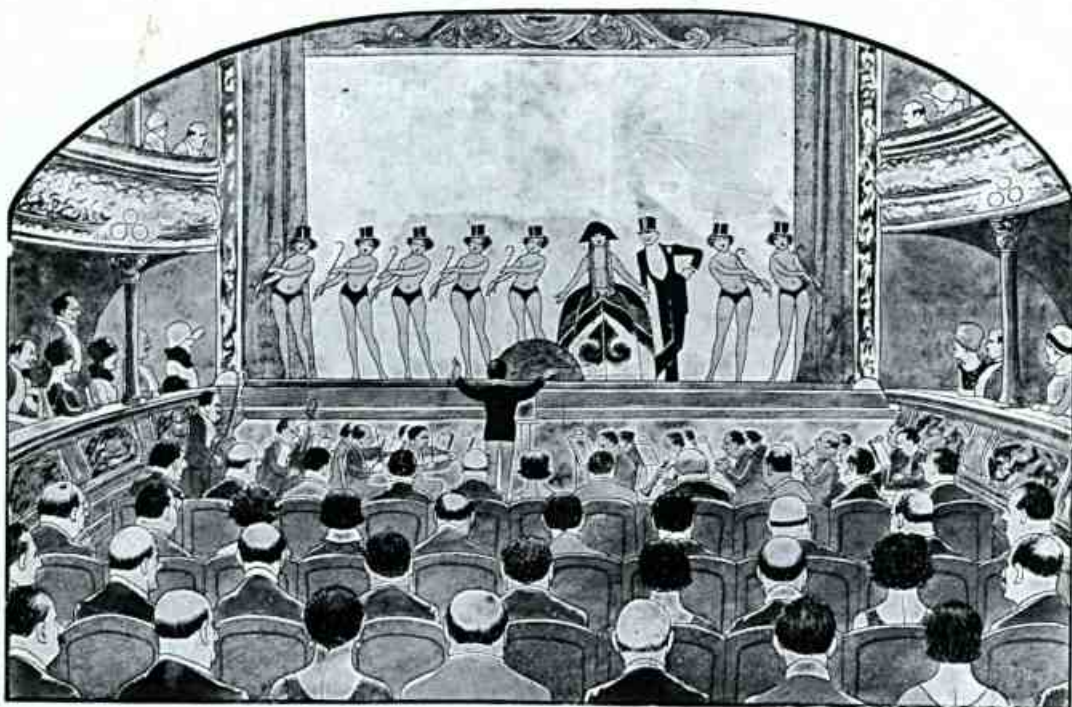
ANNO XXIV — N.º 41
Rio, 11 de Outubro de 1930
PREÇO: 1$000

fon-fon

Num Theatro 60 % São Calvos

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato dos cabellos. Os cabellos são atacados constantemente por innumeras molestias parasitarias que devem ser combatidas.

A simples caspa que V. S. vê hoje no seu cabello, será com certeza a causa de sua futura calvicie.

TEME V. S. FICAR CALVO?

Si V. S. teme ficar calvo, si seu cabello está secco quebradiço, cheio de caspa, caindo ou se já está calvo prove hoje mesmo a famosa Loção Brilhante, que vence todas as enfermidades capillares, restaurando o vigor dos cabellos e alimentando as raizes debilitadas.

Livre-se do desgosto que póde causar-lhe a calvicie.

AFFECÇÕES DO CABELLO

Altas personalidades scientificas e varias Instituições Sanitarias recommendam a Loção Brilhante, devido á comprovada efficacia de seus elementos medicamentosos, para combater as eczemas, seborrhéa (tinha) e outras enfermidades do couro cabelludo.

A Loção Brilhante elimina esses males e tonifica a raiz capillar, fazendo com que o cabello volte a crescer exuberante, lindo e sedoso.

E' do dominio publico que a Loção Brilhante produz esta maravilhosa transformação em menos de um mez. Muitas pessôas que sabem dar valor a sua formosa cabelleira, conservam-na regularmente com Loção Brilhante.

PARA OS CABELLOS BRANCOS OU GRISALHOS

A Loção Brilhante devolve a côr natural aos cabellos brancos ou grisalhos. Não tinge o couro cabelludo, nem queima os cabellos, como succede com certos remedios que contêm colorantes causticos. E' absolutamente inoffensiva, podendo ser usada diariamente e por tempo indeterminado.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES. NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA". PODEM TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS.

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil e Republicas Sul Americanas. Não encontrando em seu fornecedor, corte o "coupon" abaixo e mande-o para nós, que immediatamente lhe remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico capillar.

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS — (F.-F.) Caixa 1379 — S. Paulo

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de réis 8$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Exijam sempre

Formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis

O Lázaro

DE

J. C. Nogueira Ribeiro

CUIDADOSAMENTE, Pedro, o lázaro, galgou o peitoril da janella. Em sua alma de condemnado da carne fervilhava o desejo, filho da fascinação que o attrahira, irresistivelmente, para aquella menina morena.

Na solidão de seu rancho de doente, installado á beira da estrada, vira-a passar certa vez. E Dóra trazia, no côr de rosa das faces, na graça do sorriso, no donaire do andar, na perfeição de suas fórmas virgens, uma provocação immensa, que o immergira em um anseio sem fim...

Pedro, desde esse dia fatal, não mais tivéra socego. A' maldição da carne, juntára-se a maldição daquelle amôr que, para elle, era um cruel sarcasmo do destino... E, nas noites de insomnia que se succederam, naquellas noites infinda que o apavoravam como espectros, elaborára, vencendo, uma a uma, as razões de sua consciencia, o plano diabolico de visitar furtivamente, noite alta, a casta alcova da virgem...

A' chaga incuravel de seu corpo, unir-se-ia a lepra de sua alma. Que lhe importava, porém? Para a Sociedade, que o abandonára, era um ser repugnante e nocivo: sel-o-ia por completo...

* * *

... No quarto, mergulhado em uma penumbra doce e caricíosa, pairava um perfume suave, mixto de cem aromas delicados. Os raios claros da lua, penetrando pela janella entreaberta, beijavam levemente o soalho e nelle desenharam, por instantes, a silhueta de Pedro.

O lázaro tremia... Um derradeiro resquicio de honestidade, que nelle subsistia ainda, apesar de toda a firmeza de sua resolução, se lhe rebellava no espirito. As arterias, por onde lhe corria o sangue envenenado, batiam tão fortemente, que elle temeu, por um momento, despertassem a donzella adormecida.

Não pensou, comtudo, em recuar. Muito ao contrario, amordaçando no intimo a voz da consciencia, aproximou-se, passo a passo, vagarosa mas resolutamente, do leito morno de Dóra...

Que ia fazer? Elle mesmo não o sabia.

Beijar, beijar muito aquella menina morena e depois, quando toda a casa despertasse aos seus gritos de pavôr, fugir dalli, fugir para muito longe, arrastando comsigo a antiga chaga de seu corpo e a lepra recente de sua alma...

* * *

... Dóra sonhava... Um sorriso formoso brincava-lhe nos labios, que se moviam num leve balbucio inintelligivel, e, de subito, suas mãozinhas desenharam, no espaço, um gesto vago, que assustou vivamente o lázaro.

Este se conteve por instantes. Pela ultima vez pesava a gravidade de seu acto e, como o suicida que se detem á borda de um precipicio, hesitava no limiar daquella acção. Uma luta penosissima, luta entre o corpo e o espirito, contenda entre a honra e o desejo, novamente se estabelecia no seu intimo, ao escutar, como escutava, a respiração rythmada de Dóra.

Esta continuava a sonhar... E quando, vencidos os ultimos escrupulos, Pedro, o lázaro, ia tocar-lhe o corpo lindo, seus labios se entreabriram docemente e, desta vez, pronunciaram um nome:

— Mamã...

* * *

... Ouvindo essa palavra, o lázaro estacou. Em um momento, sem que elle proprio o quizesse, vieram-lhe á mente as scenas de sua infancia longinqua, e surgiu-lhe na imaginação o vulto sagrado de sua mãe.

Seus conselhos, aquelles conselhos meigos que ella lhe déra tantas vezes, Pedro os escutou de novo, e de novo desejou, como pretendêra outróra, seguil-os fielmente, para cumprir assim o seu dever...

Depois, um horror inenarravel pelo crime que ia praticar tomou-lhe inteiramente a desperta consciencia. E, abandonando aquella alcova, fugiu da tentação que o allucinára e regressou, resignado, ao rancho miseravel de doente, emquanto no seu corpo em chagas cantavam as harmonias do bem...

DELIRIO DA VAIDADE

(Ao scintillante espirito de Conchita Cid)

Por DUARTE DINIZ

NUMA dessas manhãs de outubro, que são alvoradas da Primavera cantando hymnos ao Creador do Mundo, meditava eu nas tristes contingencias da vida, debruçado á janella do meu quarto, quando me veiu, da rua movimentada, o accorde enthusiastico duma algazarra communicativa, em que predominava o brado:

— Viva a Penha!

Só então, me lembrei que era domingo, e que era o ultimo dia da festa da Penha.

Vesti-me apressado e fui ter ao largo de S. Francisco, disposto a misturar-me com os romeiros alegres, e entre elles esquecer as tristezas da vida. Esperava o primeiro bonde em que houvesse um logar, quando me surge, dentre a multidão, a figura esguia de Nathalia, aquella creatura de feição de japoneza e alma sonhadora de arabe, que era o encanto da nossa aula, na Academia de Commercio, pelo arrojo das suas idéas, e a firmeza da logica com que as defendia.

— Nathalia amiga, que é feito de ti? Vamos á Penha?

— Não, não vou á Penha. O delirio das multidões inconscientes enerva-me. Espero o bonde de Ramos, para enclausurar-me.

— Acompanho-te até Ramos; conversaremos um pouco.

— Acceito, porque preciso alliviar a minha alma de revoltada.

O seu semblante turvou-se, inundado de uma tristeza commovedora.

O bonde chegou. Sentámo-nos no ultimo banco.

— Sempre triste, Nathalia?

— Sim. Sempre triste e revoltada. A minha alma revolta-se contra a maldade humana, e descrê da benevolencia divina.

— Impressões de leitura, certamente. Quaes são os teus autores predilectos?

— Não; pouco leio, e não tenho preferencias literarias nem artisticas, porque não acredito na sinceridade dos escriptores, duvido dos motivos estheticos dos artistas e desconfio das razões emotivas dos poetas. Para mim, o dinheiro é a vida. Vida de miserias, si o dinheiro é pouco; vida suave e confortavel, si o dinheiro é muito.

— Acreditas, ao menos, na existencia de Deus?

— Tenho duvidas. Mas no que não acredito é na sua omnipotencia.

— Blasphemas, Nathalia?

— Não; raciocinio, apenas. Si Deus é omnipotente, e si, segundo ensinam as escripturas, combate o inferno, por que não o anniquila de uma vez?

— Vaes ao absurdo!

— Não vou tal. Tudo o que amamos, tudo o que adoramos, tudo o que respeitamos; esse amor, essa adoração e esse respeito resultam da confiança, que temos, de sermos amparados pelos seres a quem damos o coração e os sentidos, e que esses seres nos levarão através da vida, sem nos deixar provar do fel da desventura. Eu acreditava em Deus. Elle, sem ver o mal que me fazia, lançou no meu lar o luto e a pobreza, obrigando-me a abandonar os estudos e a trabalhar, si quizesse viver. Acreditava no Amor. Oh! nem te digo o que penso do amor... O meu pobre coração dilacera-se, esmagado pela maior das desillusões. Acreditava, tambem, na solidariedade humana, e vi, como desejo que nunca vejas, nitida e claramente, a torpeza do egoismo humano, na ansia de se atropelarem uns aos outros, para subir, subir sempre, mesmo que o socalco seja feito de cadaveres.

Nathalia calou-se.

O seu olhar sombrio, duma tristeza infinita, perdia-se no espaço longinquo. Eu pasmava das suas idéas, e avaliava o que de soffrimentos teria affligido aquella alma de criança, para conduzil-a a tão elevado gráo de descrença.

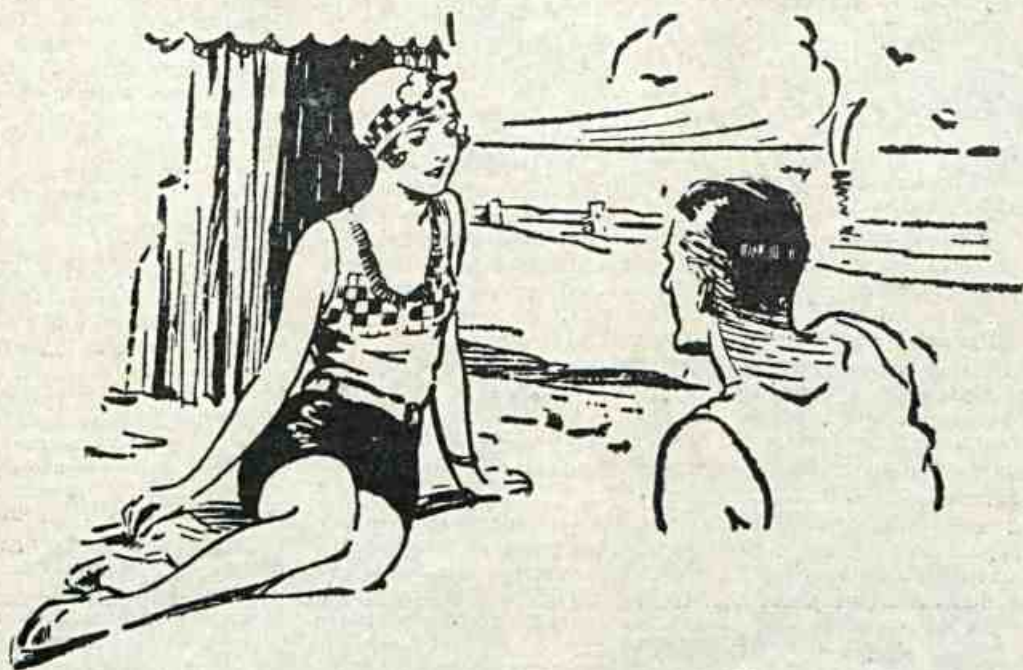
— Mas não te perguntei ainda: que fazes e onde moras?

— Moro em Olaria. Da vida confortavel de Botafogo, onde me conheceste, fui parar na semi-miseria do suburbio. Trabalho num escriptorio, das 8 ás 18 horas. Da existencia alegre e descuidada de estudante, fui arremessada ao trabalho rude do commercio. E foi o teu Deus que não quiz evitar a minha desgraça. E foi aquella, a quem eu dera o coração, na doce illusão do amor, porque elle não me pedira a propria vida, que não teve a coragem de amparar-me. E foi essa sociedade, cellula gangrenada da humanidade que me deixou abandonada, na via sinuosa da existencia, entregue ás minhas proprias forças!...

— Talvez tenhas razão. Resta-te, porém, o consolo de que vives numa época em que a mulher se impõe, e que vale tanto como o homem.

— Enganas-te. O trabalho da mulher, no commercio, comquanto seja mais esmerado e rigorosamente exacto, vale uma quarta parte do trabalho do homem. O preço é uma resultante da comparação entre a offerta e a procura. O mercado de salarios tem as mesmas caracteristicas dos demais mercados. Apparecendo seis empregados de determinada categoria a offerecer-se num meio onde se procuram apenas cinco, ha o desequilibrio desfavorável á offerta, e o preço do salario oscilla no sentido da baixa. Dar-se-ia o inverso, si houvessem seis logares a preencher e não appareceessem mais que seis candidatos. As moças da minha idade vão encontrando empregos, porque a crise formidável que vem soffrendo o commercio e a industria no nosso paiz se encarregue de abrir-lhes vagas. A reducção considerável dos lucros impoz a reducção parallela das despesas. Os homens, habituados a um typo elevado de vida social, que os grandes ordenados lhes permittiam, não acceitaram as reducções successivas que o commercio era forçado a impôr, e foram-se descollocando, abrindo vagas para nós, que, sem outro recurso, acceitamos o que nos querem pagar, que não é o valor do nosso trabalho, mas apenas o custeio das nossas despesas imprescindiveis. E' uma exploração com aspecto de protecção. E não penses que, melhorando a situação economica e financeira do commercio e da industria, teremos melhor paga. Os homens que recusaram os salarios reduzidos estão ás portas da miseria. Reajustaram o seu typo de vida social ás condições do momento, e no dia em que lhes offerecerem pouco mais do que nós ganhamos, elles acceitarão e nós teremos de lhes ceder o logar. Nós estamos sendo duplamente exploradas: — pagam-nos a metade, ou menos, do que vale o nosso trabalho, e nos aproveitam para forçar os homens a receber menos do que exigiam.

— Surprehende-me o teu raciocinio. Onde queres tu ir com essas idéas, nas quaes só apparecem futuros sombrios e conclusões desoladoras?

— Quero ir perto. Não ultrapasso o estreito ambito da realidade pura da vida. A mulher é mulher, e não é mais nada. Deslocal-a da sua

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual deve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e limpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem eliminadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette em todo o Mundo.

funcção social, é perdel-a. Ao homem cumpre sustental-a — seja esse homem um pae, seja um irmão ou seja um esposo.

— São assombrosos os teus argumentos! Parece que tens prazer em divisar um céo cheio de nuvens escuras para conseguires um tenebroso futuro.

Nathalia não respondeu. O seu olhar apagado perdia-se no espaço. A nossa conversa soffreu ligeiro colapso.

De repente, Nathalia voltou-se mais para mim e, muito baixinho, em tom confidencial, segredou-me:

— Sabes? Estou com vontade de mudar de emprego. Vi o annuncio de um cavalheiro que deseja proteger uma dactylographa, e esse annuncio impressionou-me.

— Que impressão tiveste?

— Sonhei com muitos vestidos, bonitos chapéos, lindas joias, passeios de automovel ao longo das montanhas distantes, almoços alegres á sombra das arvores...

E seus olhos, sempre mortos, sempre desolados, tinham agora o brilho faiscante da cubiça. Estavamos perto de Olaria.

Tomei-lhe as mãos, carinhosamente, apertei-a contra mim, como quem quer evitar que ella se lance ao abysmo.

Ella comprehendeu-me, seus olhos humedeceram-se, e seu beicinho, excessivamente carminado, tremeu, como de criança que vae chorar.

— Segura-te bem, Nathalia; tira o olhar do abysmo, que tem o poder da attracção. Concordo que o dinheiro seja, como dizes, o principal factor do conforto humano, mas á virtude não se pode fazer preço, porque as riquezas do mundo ficam aquem do seu valor.

Chegáramos a Olaria. Ella estendeu-me a mão fria, que eu apertei levemente, e desceu do bonde, seguindo pela rua, muito ligeira, num passo miudinho. Subi a longa escadaria da Penha, inteiramente absorto, repassando no espirito o dialogo que tivera com a minha antiga condiscipula. Lá do alto, estendi a vista pela immensidade do espaço, e meditei na estranha organização mental daquella joven de vinte annos, que sustentava idéas tão fortes, e tinha fraquezas tão debeis.

DELIRIO DA VAIDADE

(Conclusão)

Da porta principal da igreja contemplei a imagem bemdita da padroeira, e tive ansias de acreditar na theoria exposta por Nathalia:

— A omnipotencia de Deus é ponto discutivel. O seu poder não chega para neutralizar as torpezas humanas, cuja principal manifestação é o delirio da vaidade e a consequente paixão do luxo.

• • •

No domingo seguinte, recebi, de Nathalia, datada de S. Paulo, esta carta:

"Duarte — Lembras-te da nossa conversa no bonde de Ramos? Attendi ao annuncio, e sou hoje a secretária particular de Mr. Mac-Pherson, o mais gentil americano que o continente tem produzido. Para encontral-o, justifica-se plenamente o desejo de Colombo, de descobrir a America. Tambem te lembrarás de que iamos do largo de S. Francisco ao Thesouro para encontrarmos logar no bonde, supportando, muitas vezes, a chuva impertinente do fim do inverno.

Aqui, Mr. Mac-Pherson leva-me no seu lindo automovel ao meu appartamento, depois de jantarmos no melhor hotel.

Aprecio muito as tuas idéas acerca da virtude, mas sustento a these de que o dinheiro é a vida. Não te esqueças nunca da fórmula em que te resumi, um dia, a synthese do meu pensamento sobre todas as religiões que prégam a virtude como preço da ventura eterna: "O que ha depois da morte não se aprende theoricamente; é questão de pratica: preciso é morrer primeiro".

Com o teu feitio "passadista", imagino-te, ao leres esta carta, a monologar em surdina: "E' mais uma que se perdeu". Não te dê isso cuidado, querido amigo, porque não serei a ultima que se deixa levar num esplendido carro, das regiões da miséria ás radiosas paragens que são o encanto da vida, em troca de pequeninos nadas com que as mulheres intelligentes fazem a felicidade dos homens, sem perda da sua propria felicidade.

Aperta-te cordialmente a mão, a condiscipula muito grata — Nathalia."

Ella enganou-se na prophecia. Quando acabei de ler a carta, monologuei, apenas:

— Que tremendo idiota que sou! Que grande patife é o Mac-Pherson! Bemdita sejas tu, Nathalia, amiga, que me desvendaste a theoria da vida.

E, rasgando a carta, puz-me a recitar, baixinho, o meu poeta predilecto:

"Nunca mais chorei.
O pranto, emfim,
Cava tão fundas cicatrizes
Nas recordações que a memoria es-
[tampa.
Que eu penso para mim,
Que isto de recordar tempos felizes
E' o mesmo que abrir a propria
[campa."

Discutindo "Football"

Vês, alli na nossa frente
Aquella moça contente
Discutindo foot-ball?...
Pois, meu caro amigo, se ella
Tem hoje a cutis tão bella
Deve tudo ao Eucalol.

PAPILLON (S. Paulo) — Mulher!... Mulher!... Quem te ha de entender a alma voluvel e absurda! — exclamou La Rochefoucauld, certa vez. E o grande pensador tinha razão, como agora eu a tenho de repetir a sua exclamação.

Aqui está a sua cartinha verde, traçada no melhor papel que São Paulo possúe:

"Yves — Tendo lido o estudo graphologico de Diana, não me contenho que não o felicite vivamente, sinceramente!

E' que, amiga intima de Diana, conhecendo-a ha quasi nove annos, posso avaliar a exactidão do seu estudo, que é simplesmente admiravel, um documento preciosissimo da veracidade dessa sciencia por muitos negada — a graphologia.

Apenas... apenas não quero crer que Diana tenha um coração de todo rijo. Raramente quer, quer a muito poucos, mas com um querer definido e constante. E' este o unico ponto do seu longo estudo graphologico que acceito com restricções. Quanto ao mais, está perfeito.

Parabens!

Sem outro motivo, subscrevo-me com a profunda admiração de sempre. — *Papillon*".

Agora, um commentario:

1.º — Não posso comprehender a razão por que é que hoje v. ex. acha que sou imbecil, e, no dia seguinte, me escreve uma carta onde se desfaz em gentilezas commovedoras e captivantes. Afinal de contas, qual é o verdadeiro juizo que fórma da minha mentalidade? Até aqui, o que tem acontecido, é o seguinte: o mesmo carteiro que me traz uma carta de aggressões anonymas, que atiro á cesta e fica sem resposta, é o que me entrega a missiva côr de rosa, perfumada, ás vezes enriquecida com uma photographia de mulher, e onde ella me diz as palavras mais desvanecedoras do mundo, embora mentirosas e fingidas. Mas isso acontece quando se trata de um marmanjo, de um despeitado qualquer, que, confessando não ser invejoso, revela a sua mesquinharia, no facto de escrever cartas anonymas e aggressivas, ou de uma senhorita amavel, que me não conhece.

Mas que isso se dê, partindo de uma mesma leitora — é inacreditavel.

Vamos, D. *Papillon*, que é que sou: imbecil ou homem de espirito culto?

Não esqueça que ser imbecil é uma bôa qualidade.

Consiste ella no facto de se sentir o homem bem e feliz, dentro do estreito horizonte das suas aspirações. Por exemplo: o imbecil, desde que tenha deante de si um bom prato e o bolso cheio de dinheiro, é feliz; os intelligentes só se sentem felizes quando se encontram no ultimo caso. Elles trocam o prato pela *prata*...

Gostou?

2.º — Quanto á restricção que faz a proposito de *Diana* (a cadora... de dollars ou de corações?) devo dizer que não sei si ella possue coração rijo (de granito) ou molle (de sorvete). Quando digo: "coração rijo", graphologicamente falando, é significando: pessôa de temperamento inflexivel, obstinada nos seus sentimentos, altruistas ou inferiores; mas tudo isso, sob uma fórma altiva, independente, e pouco generosa. E si assim falo, é porque, segundo a sciencia de Paul Joire, a *letra angulosa, pesada* e *pastosa* revela esses traços.

Letra *angulosa* indica: A) *energia, firmeza;* B) *teimosia, dureza.* — Letra pesada (grossa e forte): A *materialismo, firmeza;* B) *sensualidade, gula, violencia, saude exuberante.* — Letra pastosa: A) *energia, sensualidade, gulodice;* B) *materialidade, idéas retardadas.*

Ora, na letra de *Diana* são abundantes as caracteristicas pertencentes ao typo classificado como *pastosa, pesada* e *angulosa*. Analyse a exposição feita acima, e verá a coherencia que existe entre os *valores* e as caracteristicas da letra.

Si essa coherencia se evidencia nos outros casos, e nesse, é claro que o *meu estudo ha de estar certo, logicamente.*

Salvo si v. ex. julga a sua amiga, (de quem, pela photographia, tenho a melhor impressão, aliás) com o coração, e não com o cerebro.... Eu a julgo segundo a minha sciencia de ler o caracter pela graphia...

MARIA (S. Paulo) — A sua carta, de um azul doce e suave, suave e doce como deve ser o sonho branco de uma noiva, me traz uma interessante pergunta, que se resume nesta synthese: "Que deve fazer a mulher para agradar ao seu esposo?"

Mas leiamos a missiva, na sua integra, pois o seu estylo é pittoresco. Eil-a:

"Yves — Apresento meus cumprimentos ao distincto litterato e delicado poeta.

E' reconhecendo essas qualidades no popular collaborador do *Fon-Fon* que ouso escrever-lhe. Tenho sempre me distrahido com a leitura das respostas espirituosas e sarcasticas que recebem as cartas que lhe são dirigidas.

Admiro mesmo a sua paciencia de lel-as e as respostas tão acertadas.

Já estou antegozando o que me dirá.

Escrevo-lhe especialmente para uma pergunta, e dirijo-lhe na qualidade de poeta e psychologo.

Uma moça quando se casa, além dos deveres para com o esposo, qual é a cousinha que mais deve fazer para agradal-o e *it* que mais agrada o mundo?

O motivo da pergunta é que seguindo a lei natural do mundo, tambem eu vou me casar. Moro actualmente em um bom bairro de S. Paulo e pretendemos depois, morar em um sitio sem illuminação nem agua encanada, sem telephone e casa telha a vã. Tudo isso será muito agradavel desde que se trate de casamento sem o minimo interesse.

Conto com a benevolencia do poeta para a minha pergunta.— Sua admiradora — *Maria.*"

A meu vêr, a melhor maneira de uma esposa conseguir encantar o seu marido — mesmo depois da "lua de mel", pode ser condensada nos seguintes *itens:*

A) — Não se tornar cacete com as suas exigencias, os seus ciumes e os seus pedidos de dinheiro;

B) — Possuir muito espirito e saber renovar a sua alma e o seu physico, quotidianamente. Nada mais xarope do que uma dama que é sempre a mesma coisa, a mesma cara e a mesma pobreza de espirito;

C) — Não fazer *chiqué*, perante o seu marido, afim de lhe merecer uma prova eloquente de que elle a ama.

Oh! o *chiqué!* E' uma especie de vaselina, misturada com alfinetes: lubrifica, mas espinha.

D) — Não tocar piano (mal, já se vê) nem qualquer outro instrumento;

E) — Não ser literata;

F) — Não roncar, quando dorme, nem declamar versos, o que, ás vezes, é coisa muito parecida;

G) — Não vender "flores" em beneficio disto ou daquillo;

H) — Não comprar a prestação;

I) — Não deixar as meias & cia., do marido, em petição de miseria; e,

J) — Emfim, não fazer na vida a Xantipa, — a terrivel esposa de Socrates.

MAGDALENA (E. do Rio) — As revistas de moda e de literatura a que se refere, bem como os livros, em italiano, francez e portuguez, que me pede, encontrará na Livraria Odeon, de Soria & Bufoni, á Avenida Rio Branco.

DUARTE DINIZ (Capital) — A sua graphia.... O sr. escreveu pouco. O que se exige são vinte linhas no minimo. No emtanto, baseado nos elementos que as suas dezeseis linhas me fornecem, direi o que me revela a sua letra.

O sr. possue uma bôa qualidade que lhe é prejudicial, paradoxalmente prejudicial: a prodigalidade. E', como se diz em linguagem plebéa: um mão aberta.

Ora, o sr. é pratico, inclinado aos numeros e ás finanças. Deve, consequentemente, economizar o esforço da sua actividade. Mas, absurdamente, o sr. dissipa aquillo que representa as suas economias. E' mesmo esse — prodigalidade — o seu traço predominante, o seu *punctus saliens*, como se dizia lá no seminario.

O sr. é franco, expansivo e violento, por vezes. Sob uma apparencia de modestia, de simplicidade captivante, esconde o orgulho que não consente ser levemente ferido. Jamais! Alliando o praticismo que o caracteriza, como homem de acção, a uma grande dose de fantasia e ao seu gosto pelas artes e todas as manifestações superiores do espirito, é da uma vivacidade penetrante, aguda e ardente.

Curioso, demasiado curioso, sob todos os aspectos, o sr. possue a bella virtude de não impedir que bisbilhotelem a sua vida. A prova é que não tem manhas encobertas. Pudera! Si é generoso, indulgente e sincero!

Não direi que seja indolente. Pois é vibrante, irrequieto e impetuoso. Mas adora os ambientes velludosos, e tem a volupia do conforto, do luxo, do bem estar. Quer dizer: o sr. podendo mandar, não vae fazer: fica afundado no seu "mapple", fumando o seu havana — si é que não tem horror ao fumo, como eu.

As suas idéas são claras; os seus raciocinios, — de quem se dá ao prazer dos numeros — denotam uma logica e um acerto desconcertantes. O que lhe dá a victoria, sem duvida, nos litigios e polemicas.

Autoritario, energico, verdadeira fibra de homem, não admitte desobediencia. Mas, — curioso! — o senhor não é um creador, é um espirito deductivista e realizador. Concebe mal, porém executa maravilhosamente.

Profundamente emotivo, mesmo sentimental, deve abrigar uma alma lyrica e apaixonada — o que é um contrasenso, deante do seu espirito pratico. E' colerico por vezes, e precipitado. Mas o seu humor é egual, uniforme, e quasi sempre está alegre, disposto aos actos bons e que denunciam jubilo.

Voluptuoso, sem ser um carnal é, no emtanto, um cavalheiro que propende para o sybaritismo. Cuidado! Si o sr. se apaixona — pois deve ser moço ainda, — é um perigo. Pois o sr. é firme e persistente na vida como no amor. E' capaz de apanhar *béguin* por uns lindos olhos e uma bocca de "rouge"... E, — francamente — não ha nada mais ridiculo do que um homem apaixonado.

CRITICA SYNTHETICA DA PERSONALIDADE GRAPHOLOGICA — Intelligencia — Deductivista, organizada, investigadora. — *Imaginação* — Exaltada, fantasista, vivace, irrequieta. — *Memoria* — Entre a auditiva e a visual. Fixa egualmente os phenomenos visuaes (as côres, os movimentos) e os sonoros em geral (a palavra, a musica, o canto). *Vontade* — Disciplinada, constante, inflexivel e conservadora. *Tendencias* — Ocio, repouso, emotividade, solução rapida e segura dos factos; appetites materiaes; impulsividade passional.

Quanto ao mais, grato pelo seu vale.

JOBY TABA (S. Paulo) — Os seus versos serão publicados. Queira esperar a sua vez, sim?

J. PAULISTA (Capital) — Sim. *Senilidade* e *Na missa* apparecerão logo que haja espaço.

Yves

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

• • •

Graphologia — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 11 - 10 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Notas de Arte — Oscar D'Alva

CHALIAPINE — De excepcional fulgor, o concerto unico realizado pelo famoso baixo russo Feodor Ivanovich Chaliapine, em a noite de 5 de outubro, no Theatro Lyrico. Reunião social e festa de arte, o inesquecivel sarão. Quasi inteiramente cheio, o tradicional theatro da rua 13 de Maio reuniu uma sociedade elegante e culta, que applaudiu sem reservas o formidavel cantor slavo.

Acompanhado pelo pianista Herman Kumok, que se fez ouvir tambem em alguns solos de piano — 2 *Estudos* e a *Poloneza em lá maior*, de Chopin, onde revelou algumas bellas qualidades de virtuose, Chaliapine cantou entre as 22 do seu cancioneiro especial, as seguintes canções: *O Propheta*, de Rimsky — Korsakoff; *A revista da meia-noite*, de Glinka; *Separámo-nos orgulhosamente*, de Dargomyzksy; *Senhorinha, o catalogo é este*, aria de Leporello do *D. João*, de Mozart; *A canção da pulga*, de Mussorgsky; *Prazer do amor*, de Martini; *A trompa de caça*, de Flégior; *Nesta tumba escura*, de Beethoven; *Canção persa*, de Rubinstein; *Os dois granadeiros*, de Schumann; *A canção dos barqueiros do Volga*, arranjo de Koenemann e Chaliapine; *Canção moscovita*; e *Bom dia principe!*, aria do Khan Kontchak, da opera *O Principe Igor*, de Borodine.

Para dizer do que foram as interpretações do selecto cancioneiro, para assignalar-lhes o incomparavel esplendor, para classifical-as de maravilha de expressão lyrico-dramatica — basta dizer que Chaliapine foi o interprete. Realmente, quem attingiu, como o artista russo, as culminancias da perfeição na arte a que se dedicou; quem possue a consagração unanime de todas as platéas e de todos os criticos, não pode ser mais objecto de qualquer commentario. Reduz-se toda a critica em louvar sem restricções.

Ainda assim era possivel assignalar esta ou aquella divergencia, este ou aquelle deslise, de que mesmo as celebridades não estão isentas. Mas em se tratando de Chaliapine, nada ha que dizer. Tudo é objecto da mais justa e da mais enthusiastica admiração.

A sua voz, que tem mais de 40 annos de existencia musical, de que 20 ou 30 de vida celebre, não offerece o minimo signal de decadencia. E' uma voz moça, contrastando escandalosamente com os cabellos encanecidos do cantor. E a arte, graças á qual essa voz parece perpetuar-se indefinidamente, é das mais requintadas que conhecemos. Desde os mais solennes e tristes graves aos agudos mais alegres e facetos, da mais volumosa e retumbante sonoridade, aos pianissimos mais silenciosos — parece que a sua voz realiza o milagre da musica do silencio — tudo são incomparaveis bellezas. E se a essas maravilhas de execução sonora juntar-se a vida, a alma com que anima as canções, tem-se explicado todo o triumpho sem par, a gloria universal de Chaliapine.

Elegante, magestoso, épico em O Propheta; romantico e melancolico no *Prazer de amor* e *Nesta tumba escura*; gracioso e brejeiro na *Aria de Leporello*; lyrico e bucolico na *Trompa de caça*; bellico e patriotico na *Revista da meia-noite* e em *Os dous granadeiros*; cheio das emoções da alma proletaria em *Os barqueiros do Volga* — tudo Chaliapine viveu com uma intensidade, uma extraordinaria força de expressão, que só encontra emulo na sua incomparavel voz.

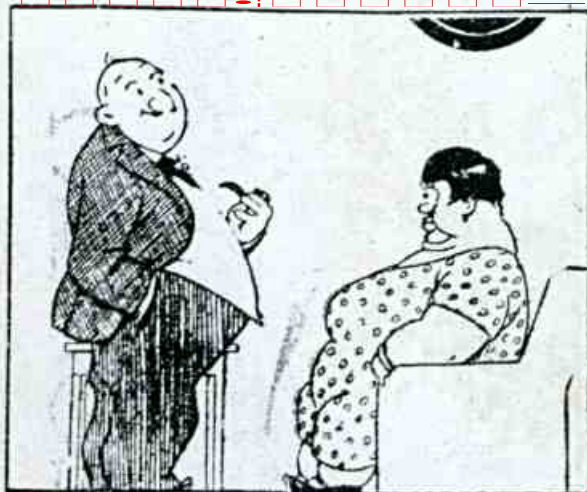
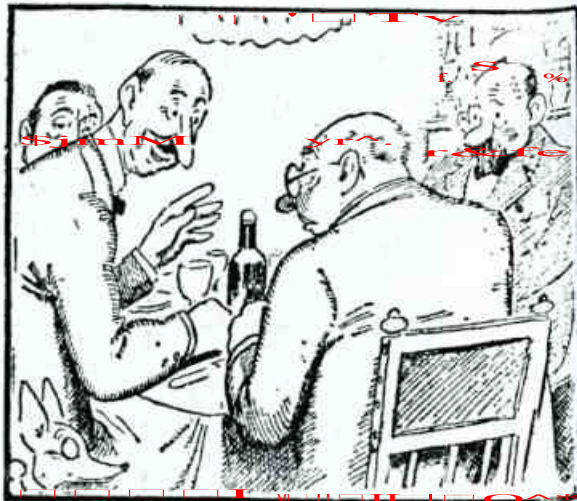
Emocionado pelos excepcionaes dotes do grande interprete, além do mais vivo e incontido enthusiasmo, o publico saudou estrepitosa e incessantemente o genial artista.

Noite, grande noite de arte, de imperecivel memória!

EAU
DE
COLOGNE
CARON
PARIS FRANCE
EAU DE COLOGNE

ESPIRITO ALHEIO

DENTRO DE CINCOENTA ANNOS

— Aprecia, Bill, estes aeroplanos lá em baixo...

— Guarda todas as jóias e o que haja de valor á vista.
— Por que?
— Porque o ladrão que acaba de ser absolvido graças á minha defesa, vem, esta tarde, agradecer-me.

— Recorda-te daquella cozinheira que me esteve roubando por espaço de dois annos? Pois, consegui recuperar tudo!
— Prenderam-na?
— Não. Casei-me com ella.

— Sim, senhor, que papelão! Por que applaudias a peça emquanto os outros a vaiavam?
— Não, mulher; eu não applaudia a peça: applaudia aos que estavam vaiando...

O Condemnado

ELLA era bellissima, bem que sem nenhum artificio, e sempre pallida, tão pallida... Achou modos, comtudo, de empallidecer mais ainda quando elle lhe falou do seu amor. Mas não o deteve nas primeiras palavras, como fazia com tantos outros. Escutou até o fim as phrases ardentes, e, quando elle se calou, ficou silenciosa, com as palpebras obstinadamente abaixadas, como se desejasse ouvil-o falar ainda. Elle, porém, não falou mais, preferindo gozar daquelle silencio, em que acreditava presagiar a resposta, e se reprehender, no fremito das sobrancelhas rijas, a confissão das pesadas palpebras vivas como os olhos, e mais expressivas do que o olhar.

Transcorria um momento solemne... O sol descambava... O crepusculo dizia adeus ás coisas, no pequeno salão intimo e bem disposto em que ella, quando estava só, entre as suas flores e os seus livros, vivia horas de amarga recordação.

Naquella tarde o amor estava ali... esperava que ella estendesse a mão para aprisional-o, trazia o calor, a vida, o futuro. Ella evocou, porém, tudo de repente: o passado e a morte.

— E' preciso — disse — que saiba como fiquei viuva.

— Ah! sim, o suicidio de seu marido. Elle jogara e perdera... perdera mais do que a fortuna que possuia... não quiz sobreviver á deshonra... Como vê, sei tudo...

— Não, tudo não... Resta-me fazer-lhe conhecer a coisa mais terrivel. Venha commigo... Ficará a par de tudo.

A sua voz resoava febril... e ella olhava fixamente para a frente, num estranho olhar que nada via, que nada percebia do que a rodeava... e das coisas acolá onde mora aquillo que se chama, sem razão, o passado.

Subjugado e inquieto, elle a seguiu, para além do salãosinho onde palpitavam, docemente, as chammas das lampadas, as flores inclinadas em suas hastes, o livro semi-aberto, toda a fascinação habitual de um canto de casa frequentado pela graça feminina. No fundo de um longo corredor, ella abriu uma porta...

Uma onda de ar frio bafejou-os e acolheu-os num vasto aposento de moveis fóra de uso, a que a solidão emprestava um aspecto hostil.

Via-se logo que ninguem trabalhava mais junto daquella mesa, que ninguem mais se servia daquella poltrona, que não eram consultados mais os livros recolhidos naquella bibliotheca, que não se erguiam nunca as cortinas das janellas... Via-se a sombra, como se sente escurecer o céo, sem ter necessidade de distinguir as nuvens.

Ella aproximou-se da mesa, tomou logar na poltrona e ordenou:

— O senhor... fica em pé, do outro lado da mesa, na minha frente... um pouco mais proximo... voltado ligeiramente para a direita... assim... E' muito mais alto do que eu, mas não tem importancia isso... verá o mesmo que vi. E' neste logar em que me acho as-

de Margherite Comert

sentada, que elle se matou... o revolver se encontra aqui, na gaveta que me fica á esquerda... onde se encontrava sempre... de onde eu sabia que não sahia nunca... e eu me achava em pé deante da mesa, justamente no ponto em que se encontra agora... não, não, não tenha receio... não no momento em que elle se matou... mas algumas horas antes, quando me fez a revelação de sua divida, da sua situação sem sahida... sim, sem sahida... Eu não possuia, então, nada de meu... Foi depois da sua morte que herdei de minha mãe. Se lhe digo todas estas particularidades, não é para desculpar-me... sei que não tenho escusa a pedir... é por respeito á verdade... Assim como está o meu delicto é bastante pesado... pesado demais...

Emquanto ella me falava, havia um papel aberto na sua frente... um papel sobre o qual traçara algumas palavras... a tinta ainda fresca brilhava... está amarellecida hoje... a carta ficou aqui, na gaveta, ao lado do revolver... espere que a apanhe e que a colloque sobre a mesa, deante dos meus olhos, como se encontrava deante dos olhos delle... Prompto. Agora constate que, do ponto em que está, pode ler a primeira linha... Lê-se muito bem, não é verdade? "Não accusem ninguem..." Eu li tambem... e afastei-me... deixei o aposento... deixei a casa... para deixal-o agir... Eram tres horas da tarde... elle matou-se só pelas seis da tarde... Hesitou, sem duvida... Talvez pensasse que eu voltaria... que o perdoaria... O sol estava tão bonito naquelle dia... sem erguer-se da poltrona, elle podia ver, pela janella, as arvores da primavera, os ramos ainda negros, cheios de rebentos novos e o céo resplandecente... Uma divida de honra... que significa uma divida de honra para o homem que tem desejo de viver? Elle, porém, não ousou mudar de idéa por minha causa... porque sabia que eu tinha lido: "Não se accuse ninguem..." e que eu me fôra embora, condemnando-o. Quando os jurados condemnam um accusado á pena de morte, elles são em numero de doze, e trata-se de um desconhecido... de um criminoso... Eu, sozinha, tive esta coragem, tratando-se de meu marido, que tinha apenas o defeito de ser fraco por natureza e de ter sido infeliz. Tive esta coragem... Ah! Quanto mais o tempo passa, mais reflicto e menos comprehendo a minha coragem abominavel de partir após a leitura da primeira linha da folha de papel... Ninguem se pode enganar. Lê-se facilmente, não é verdade? E' como um clarão immovel: "Não se accuse ninguem." Pois bem, agora, que já leu, agora, que já sabe tudo, pode partir.

E elle partiu.

ANNO XXIV

NUMERO 41

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1930

OS Poetas vão rareando, ao passo que cresce, assustadoramente, o numero dos fazedores de versos.

No nosso seculo de ousadias e assaltos de todos os generos, imperando a extravagancia sobre o mundo harmonioso das coisas, era fatal que a poesia entrasse em decadencia, quasi diriamos em decomposição, tomada, como foi, de assalto, pelos *futuristas*, os *détraqués* do sentimento.

Foi creada uma nova escola: a dos caricaturistas da poesia.

Proliferou.

A caricatura do verso, vasada nos moldes classicos do ridiculo, só podia despertar o riso macio e brando, piedoso, quasi humano...

Os artistas, ourives da palavra escripta, cinzeladores da Emoção, cruzaram os braços, esperando pela passagem da onda de loucura das rimas de pés quebrados, arrimadas em muletas.

A liberdade, a licença dos poetastros fizeram quartel entre nós.

Campeou o delirio de uma ingenuidade mórbida.

Mas, para felicidade nossa, nem todos se perderam, formando no exercito cretino.

Isolado na longa ausencia dos annos, Hermes Fontes, por exemplo, esperou...

E, no melancolico outomno da vida, o Poeta reapparece, depois de muito ter amado e soffrido, para cantar o poema doloroso do seu peregrinar pelo mundo, tendo ido buscar alento, para tanto, na *fonte da matta*...

Felicidade, que já foste minha,
eu tenho inveja da felicidade!

* * *

Hermes Fontes nasceu Poeta.

Deslumbrou com o seu primeiro livro — *Apotheoses*, e encanta com o ultimo — *A fonte da matta*.

No periodo que vae do primeiro ao ultimo, não ha, no meu conceito, a mais leve modificação do valor da sua arte de poetar.

Uma luminosa intelligencia que ha de ficar, perpetuada, na galeria dos nossos maiores joalheiros do verso.

Isto faz crescer em mim a convicção de que a inveja nunca matou ninguem...

Não havia, pois, necessidade do Poeta fazer *testamento*, abrindo a todos, simples e ingenuo, o coração...

Os homens passam, é verdade.

Mas certos Poetas ficam, *immortalizados* no coração da gente.

Hermes Fontes pertence a esses raros que serão lidos, e talvez comprehendidos, pelas gerações vindouras.

Particularmente, eu o sinto e comprehendo no seu ultimo livro azul cobalto.

Soffrer é o menos... A difficuldade
é soffrer sem protesto e sem rancôr;
é morrer, sem tristeza e sem saudade;
Morrer, de olhos em Deus, devagarinho,
ciciando uma palavra de carinho
aos que vivem sem fé e sem amor...

Quantos olhos hão de chorar lendo *Romantismo*:

Quizéra adivinhar
a hora de morrer,
para, no ultimo instante, te ir dizer
o que não posso, nem siquer, pensar...
....
E, á hora de morrer,
ter o consolo de te ver chorar,
ser feliz de te ver arrependêr...
Adoravel prazer,
consolo salutar...

Pois, com certeza, a hora de morrer
seria a hora de resuscitar...

A poesia de Hermes Fontes tem a salutar virtude de resuscitar, no coração da gente, a doce alegria de viver.

Porque a sua philosophia é consoladora, irmã da que encontramos no *Evangelho*.

Commove e conforta.

E fechando o livro do Poeta, no deslumbramento dos sentidos, sinto, perfeitamente, que a minha alma está, toda ella, envolvida das côres do poente desta tarde de verão, que tinge de azul as montanhas de pedra, que engasta no roseo do céo as silhuetas dos coqueiros solitarios, que põe uma nota roxa de saudade na fimbria do mar de Copacabana, que vejo ao longe desmaiar, soluçando, como sabe soluçar o coração dos grandes Poetas...

Num ambiente de muita alegria, realizou-se, sabbado ultimo, a tradicional festa do Thermometro, da Faculdade de Medicina. O programma, que offerecia a maxima seducção, foi cumprido á risca.

OS GENIOS

Homero é o poeta criança. O mundo nasce e Homero canta. E' o passaro dessa aurora. Tem a candura sagrada do amanhecer.

Job começa o drama. Embryão que é colosso. Começa o drama ha quarenta seculos, pondo Jehovah e Satan, um deante do outro. O mal desafia o bem e eis a acção.

Eschylo, illuminado pela adivinhação inconsciente do genio, sem pensar que tem atraz de si, no oriente, a resignação de Job, completa-a pela revolta de Prometheu. De modo que a lição se integra e que o genero humano, a quem somente ensinava o dever, sentirá em Prometheu nascer o direito.

Isaias parece acima da humanidade, continuo rolar de trovões. E' a grande censura... A espuma de sua prophecia transborda sobre a natureza.

Ezechiel é o adivinho fulvo. Genio de caverna. Pensamento a que o rugido convém.

Lucrecio é esta grande cousa obscura — Tudo. Jupiter está em Homero, Jehovah em Job; em Lucrecio, apparece Pan.

Juvenal possúe tudo o que falta a Lucrecio: paixão, emoção, febre, chamma tragica, arrebatamento para a honestidade, riso vingador, personalidade, humanidade. Habita um

A gravura acima reproduz um dos mais expressivos aspectos da interessante festa do Thermometro, que foi levada a effeito no sabbado ultimo, á noite.

A passagem da guarda symbolica do Thermometro, feita pelo 6.º anno ao 5.º de medicina, constituiu uma noite de festiva espiritualidade e de grande alegria. Terminou esse festival com animadas danças.

...tanto dado da creação e contenta-se achando com que alimentar e encher seu coração de justiça e de colera.

Tácito é o historiador. Nelle se encarna a justiça como em Juvenal. Sobe ao tribunal morta, tendo por toga o sudario, e cita á barra os tyrannos.

João é o ancião virgem. Toda a seiva ardente do homem transformada em fumo e tremor mysterioso é, em seu cerebro, visão.

Paulo, santo da igreja, grande da humanidade, representa esse prodigio ao mesmo tempo divino e humano — a conversão.

Dante construiu no seu espirito o abysmo. Fez a epopéa dos espectros.... Dante vae além do homem.

Rabelais é a Gallia.... Maior do que Aristophanes, porque Aristophanes é mau e Rabelais é bom.... Rabelais é a mascara formidavel da comedia antiga destacada do proscenio grego, de bronze feito carne....

Cervantes é uma forma da zombaria épica.... Cervantes vê o miolo do homem.

Shakespeare é a Terra, é a existencia, incarna toda a natureza.

Victor Hugo.

Senhoras e senhoritas da alta sociedade carioca que tomaram parte na festa do Thermometro, realizada nos salões do Botafogo Football Club.

Faiiançaus

O melhor momento do amor...

SULLY PRUDHOMME é quem está com a razão:

Le meilleur moment des amours
n'est pas quand on a dit: je t'aime
Il est dans le silence même
a demi rompu tous les jours...

Sim... O melhor momento do amor está nesse intervallo cheio de preoccupações, de ciumes e de ancias, que vae da hora exquisita em que deixámos o nosso bem e aquella em que se vae encontral-o de novo...

Encontral-o?...

A's vezes, esse encontro é puramente telephonico. A hora certa, o apparelho bate e transmitte a voz adorada que se espera.

E ahi são os mais doces galanteios que se ouvem...

— Meu amor...

— Minha querida...

— Que saudades de ti!

— Estou ansioso para vêr-te. Espero que terás um sorriso mais lindo que o de hontem... A mulher me encanta por essa arte de saber renovar-se todos os dias... de mostrar-se outra, no "melhor momento do amor"...

Aliás o telephone é um meio pratico, facil, modernissimo, ao alcance de todos, para se amar á distancia...

Ha mesmo creaturas que preferem amar por um fio. Como quem ama as nuvens, a lua, as estrellas... Como quem ama o vento... Como quem ama um fantasma... Como quem ama apenas uma voz.

Mais curioso é o amor epistolar. Mas, não sei porque, o amor que se escreve nas missivas tem sempre um sabor de sinceridade que se repete. E' como os bons discos que gostamos de ouvir espiralar melodias na solidão das nossas horas de romantismo...

O amor de uma carta dura, pelo menos, até que outra não o venha desfazer ou negar.

E' claro, não é?

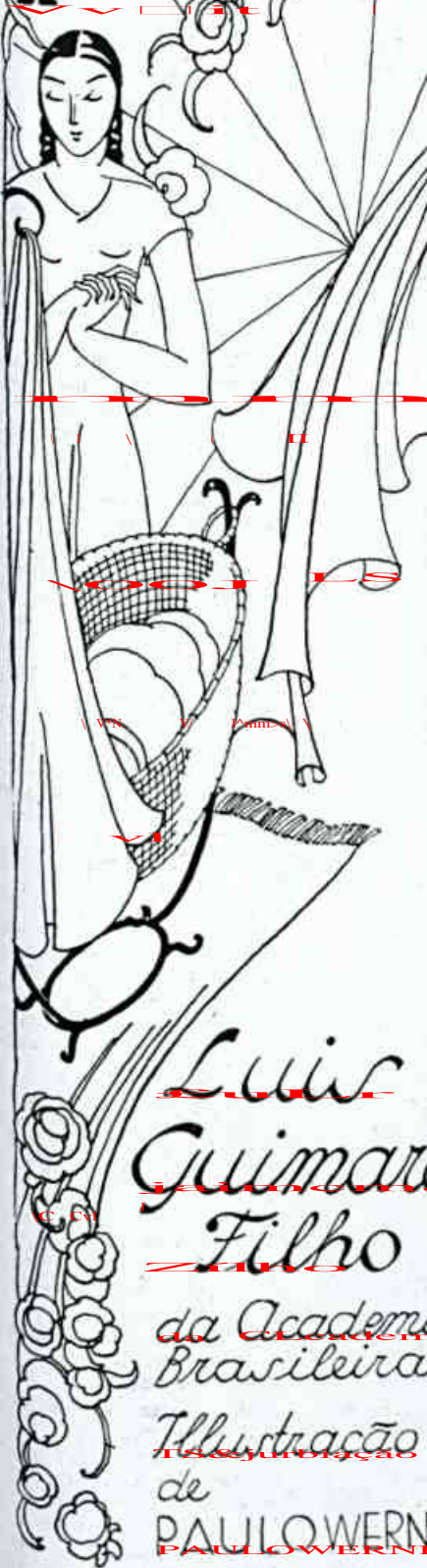
Si hoje recebo uma carta que me diz: "Meu querido — Neste momento eu penso em ti e estou certa de que não ha mulher que te ame como eu..." — é evidente que essa revelação de amor será valida até que eu receba outra, uma semana, duas, ou um mez depois, e que diga, por exemplo: "Ingrato — Já não te amo... Entre nós está tudo acabado"...

Percebem os senhores?

Ha ahi uma forma de encontro, não é verdade? Um encontro em espirito, como queria Mme. Sévigné, quando dava rendez-vous aos seus amigos no disco branco da lua. Ella pedia que, a certa hora da noite, elles fitassem o luar. Lá os seus olhos se encontrariam. E era o bastante...

Mas, sem duvida, o melhor "momento do amor" é aquelle em que o silencio é interrompido com o fervor dos labios que se encontram, que se esmagam — calados...

YVES.

Mlle. Judith de Souza é uma encantadora silhueta, que muito realça na «élite» carioca, quer pela sua graça, quer pelos seus méritos.

(Especial para "Fon-Fon")

Raia alegre a madrugada...
Uma luz muito dourada,
Uma luz immaculada
Envolve a terra bemdita...
Nos parques, — ebrios de amores
Os colibris furta-côres
Escolhem ramos de flôres
Para mandar a Flavita!

Eil-a no berço! descança...
Nos seus labios de creança
O sorriso da Esperança
As azas louras agita...
Em torno, a gente curiosa
Exclama: como é mimosa!
Parece um botão de rosa!
Como está linda a Flavita!

Eil-a aos quinze annos! nas salas
Profusas de luz e galas,
Quando apparece entre as alas
Da multidão que palpita,
Dizem todos: que doçura!
Que virginal formosura!
Está mais linda a Flavita!

Eil-a velhinha e rugosa...
Já não é botão de rosa...
Em sua alma dolorosa
A triste saudade habita...
Mas quando passa, no manto
Do seu bemfazejo encanto,
Dizem todos com espanto:
— E' sempre linda a Flavita!

ROSAS de VELLUDO

Canção da Primavera

... E o inverno se foi... E a primavéra chegou, tão cheia de claridade e de perfume... Chegou trazendo essas manhãs sonorizadas de gorgeios e essas tardes que se espreguiçam languidamente no leito rubro do crepusculo. As arvores estão sorrindo, lá fóra, no deslumbramento da sua floração. Derrama-se pela natureza em festa o sol radioso de outubro, que aquece a cidade e doira o cimo verde dos morros socegados.

Este domingo quieto amanheceu illuminado de todos os encantos da primavéra. Florido e alegre, ouve a orchestra dos passaros que voltam com o seu tumulto de azas e a sua symphonia de trinados. E eu vejo toda essa fascinação matinal, e eu ouço toda a harmonia desse contentamento luminoso que envolve os sêres e as coisas... E recordo, desalentado e amargo, as palavras de Paul Fort: *Gloire et vie à mon coeur! Je renais eternel! — Une haleine de roses dans le vent m'a saisi. Une haleine de roses, un murmure d'abeilles m'ont fait l'âme d'un dieu. — Mon coeur est sans souci.*

Mas o meu coração não está como a natureza da primavéra, nem a minha alma tem a serenidade azul desse céo que contempla a festiva inquietação do mundo na gloria da estação. Emquanto tudo sorri, eu só tenho vontade de chorar. Chorar as minhas illusões que morreram antes que chegassem as primeiras flores. Chorar as minhas esperanças que se apagaram com as ultimas chuvas. Chorar a minha pobre felicidade que, como aquella rosa do soneto de José de Espronceda — *fresca, lozana, pura y olorosa* — durou apenas um momento lyrico de poesia, en alas del amor... Chorar a minha primavéra que se foi com o inverno, deixando-me sozinho e triste com esta outra primavéra que não me seduz, que não me deslumbra, que não me consola, que não me traz a ventura desejada...

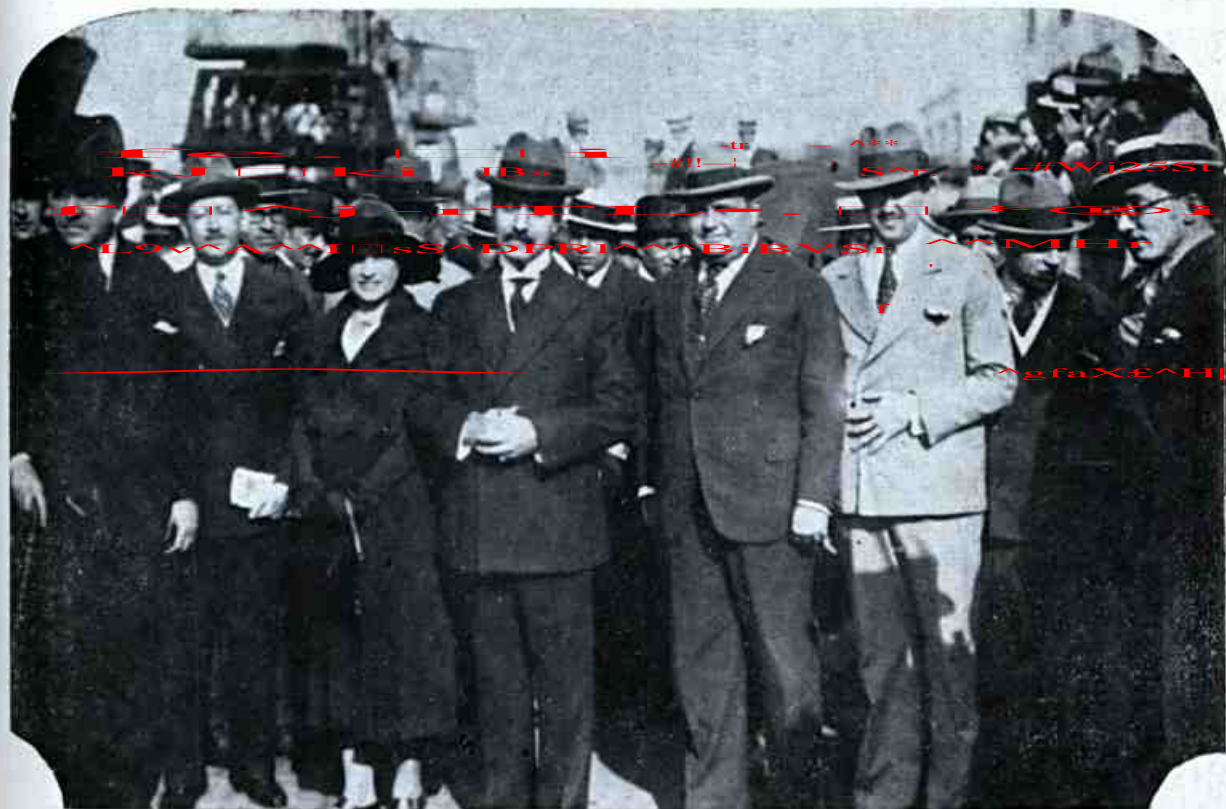
Você, minha doce primavéra, na hora em que devia ficar mais perto de mim, para me defender do sarcasmo luminoso de outubro — que é um mez aggressivamente alegre e aggressivamente inimigo da minha sensibilidade taciturna — você foge do seu grande amor, sem lhe dizer, ao menos, para onde vae... Foge com o inverno, cuja melancolia cinzenta eu ainda posso ver reflectida na melancolia dolorosa da minha vida.

Por que você foge, minha primavéra de carne? Por que você foge assim, sem um derradeiro sorriso de esperança para o meu desolado coração?...

Le Printemps a levé son glaive de rayons... Paul Fort, esse admiravel prestidigitador de emoções, esse suave consolador de almas afflictas, está aqui, á minha frente, com as rosas da sua fantasia de poeta. Procurando converter-me á religião da sua primavéra. Procurando fazer-me esquecer a minha primavéra. Esquecer...

Mas eu não posso, eu não devo, eu não quero esquecer uma prima-

(Conclue na pagina 25).

Mauro de Alencar

A bordo do «Cap Polonio», chegou, quarta-feira da semana passada, o eminente professor Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional de Ensino e presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua ex. regressa da Europa, aonde fôra tomar parte, como representante do nosso governo, nos trabalhos da Commissão de Cooperação Intellectual da Liga das Nações. Ao seu desembarque compareceu avultado numero de admiradores e amigos do illustre professor e homem de letras.

ROSAS DE VELLUDO

CANÇÃO DA PRIMAVERA

(Conclusão)

Era que floriu todos os desencantos do meu ultimo inverno...

E, na minha angustia, na minha solidão de desilludido, eu só me lembro de dizer, como Gabriela Mistral:

Doña Primavera,
de manos gloriosas
haz que por la vida
derramemos rosas:

Rosas de alegría,
rosas de perdón,
rosas de cariño
y de abnegacion...

Mauro de Alencar

O AMOR E A MULHER

Uma mulher está em perigo desde que seja amada com ardor. Em que se detêrá um homem apaixonado para conseguir seus fins? — FONTENELLE.

•

Quando uma mulher reclama a sua liberdade de um homem, é porque está na imminencia de tornar-se escrava de outro. — ETIENNE REY.

O Syndicato Medico Brasileiro, commemorando o anniversario da fundação dos cursos medicos no Brasil, promoveu, no dia 3 do corrente, sexta-feira penultima, um almoço, no qual tomaram parte todos os seus associados.

Na séde do Club de Engenharia realizou-se a sessão inaugural do 8.º Congresso de Credito Popular e Agricola do Brasil, que foi presidida pelo sr. conde Pereira Carneiro. Nella tomaram parte as delegações estaduaes e altas autoridades do paiz. A nossa gravura mostra um aspecto da sessão inaugural e outro de encerramento do Congresso, que se revestiu, tambem, de grande solennidade.

O CANTOCHÃO

A musica chã e a musica christã que ella creou ás vezes se dobram, como a esculptura, á alegria do povo. Associam-se aos prazeres ingenuos, aos risos esculpidos nos velhos porticos. Tomam, assim como no canto de Natal, o *Adeste fideles*, e ao hymno paschal *O filii et filiae*, o rythmo vulgar das multidões. Fazem-se pequenos e populares como os Evangelhos, submettem-se aos humildes desejos dos pobres, emprestando-lhes um ar de festa facil de decorar, tornando-se o vehiculo melodico que os arrebata ás puras regiões onde essas almas primitivas se abatem aos pés indulgentes do Christo. Creado pela Igreja, educado por ella, nos psalletios da idade media, o cantochão é a paraphrase aerea e movediça da estructura immovel das cathedraes.

Huysmans.

Os delegados que tomaram parte no 8.º Congresso de Credito Popular e Agricola do Brasil reuniram-se, na semana passada, em um dos nossos grandes hoteis, num almoço, que decorreu na maior cordialidade, pelo exito que aquella assembléa alcançou. A nossa pagina focaliza dois expressivos detalhes dessa reunião amistosa.

ALTO FALANTE

"A COSTELA DE ADÃO"

Berilo Neves, como escriptor, desfructa de uma situação invejavel no mercado de livros do Brasil. Invejavel e talvez unica porque elle, ao que me consta, é o detentor do recorde da publicidade, tirando, em pouco mais de um anno, tres edições de seu livro — A Costela de Adão, cuja 4ª edição já está sendo annunciada.

OS NOSSOS POETAS

Pinto de Aguiar, nome sonoro, por si só, revela uma personalidade de poeta. Fino poeta bahiano, que já conquistou, nas letras de sua terra, um logar de brilhante relevo. Vindo ao Rio, elle se apresenta aos nossos circulos intellectuaes com uma linda «plaquette» de versos, a que deu o suggestivo titulo de «Genese». Nessa «Genese», não ha, em absoluto, aquelle sentido biblico, da revelação das coisas e dos homens; mas ha a explicação de uma alma pensativa, inclinada a um philosophismo profundo, melancolico, que se compraz em semear axiomas e aphorismos constantes em torno a si. «Genese» é, por esse motivo, um poema de alta decifração.

Os nossos escriptores mais lidos — os que tiram maiores edições e que têm, de facto, maior publico, são, incontestavelmente, Gustavo Barrozo e Benjamim Costallat.

Berilo Neves não os sobrepuja pelo vulto da tiragem de suas edições; porém domina-os, galhardamente, quanto ao numero de edições que o seu livro de estréa vem marcando em tão curto espaço de tempo.

Gustavo Barrozo e Costallat são escriptores de grandes tiragens e suas obras dominam o mercado nacional de livros com um evidente e significativo prestigio.

Ao lado delles, porém, a figura do festejado autor de A Costela de Adão fórma, em posição de accentuado relevo, assignalando a victoria do "O homem synthetico" na vida — uma das paginas mais interessantes de seu livro — que é, sem favor, uma das obras mais originaes e mais curiosas da literatura brasileira contemporanea.

Berilo Neves, com a feição britannica de seu espirito saturado de "humour", é uma especie de Mark Twain doublé de Wells.

E' o que se sente através das paginas magnificas de A Costela de Adão, em que a imaginação do autor, fecunda, prodigiosa, é, no emtanto, admiravelmente controlada, na sua funcção creadora, por um espirito preciso, equilibrado, quasi arithmetico, que dá ao trabalho de ficção do artista medida e senso de proporção.

Tudo isso, alliado a uma technica estylistica irreprehensivel, sobria, elegante, delicada, creou para o nome de Berilo Neves a situação de prestigioso relevo que elle hoje, com legitimos titulos de merecimento, desfructa no scenario das nossas letras.

E' é uma situação "consolidada", assegurada pelo exito, bem raro, entre nós, de uma obra que já offereceu ao publico tres edições em pouco mais de um anno e que vae entrar, agora, para a 4ª.

* * *

"CORTINA DE RENDA"

Luiz Paula Freitas, publicando, não ha muito, Cortina de Renda, revelou-se um "conteur" de grandes recursos artisticos e de apreciaveis qualidades de observação das coisas da vida.

E como observador, como psychologo arguto, é que, elle, através da sua esclarecida visão de artista, colheu e focalizou, no scenario mesmo da vida vivida, os typos mais interessantes, que fazem o enredo e o movimento de seus contos.

Brutalidade, Gentleman e outros contos — são paginas de um realismo que se poderia dizer crú, si não fosse sentido na sua realidade, e que reproduzem, numa linguagem bem trabalhada, num estylo seguro, scenas e coisas da vida.

Luiz Paula Freitas, que já nos promette novos livros, de outros generos, deu-nos em Cortina de Renda a completa revelação de sua verdadeira organização de artista e do genero literario que deve, sem desanimo, cultivar: o conto, a novella.

MAS LAYNER

NOTAS INTELLECTUAES

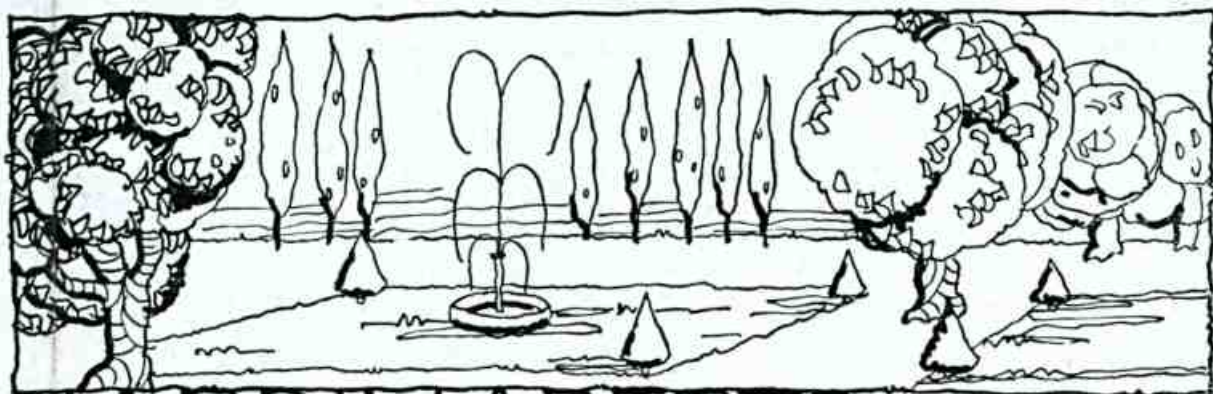
O professor dr. Costafilho, cathedratico de historia do Brasil no Atheneu Pedro II, de Aracajú, é um nome que alli tambem se destaca pelo seu prestigio literario como socio de tres Academias de Letras dos Estados: a do Amazonas, a de Alagoas e a de Sergipe. O professor Costafilho acaba de realizar na capital sergipana uma conferencia sobre «O sentido internacional da nossa historia», na qual teve opportunidade de referir-se elogiosamente á figura e á obra de Gustavo Barrozo, nosso querido e illustre companheiro. A palestra civica do dr. Costafilho foi assistida por numeroso auditorio, onde figuravam o representante do sr. ministro da Guerra, as altas autoridades federaes, estaduaes e ecclesiasticas de Sergipe, além de outras pessoas gradas.

Um flagrante da ultima festa que se realizou nos salões do Country Club e que teve o brilho mundano de uma reunião de fina elegancia.

MACBETH

Macbeth rola. E' precipitado. Cáe e ricocheta dum crime a outro. Soffre a lugubre gravitação da materia invadindo a alma. E' uma coisa que destroe. E' pedra de ruina, chamma de guerra, ave de rapina, flagello. Passeia por toda a Escocia, como rei que é, de «kernes» nas pernas nuas, os seus "gallowglasses" pesadamente armados, degolando, pilhando, chacinando. Dizima os thanes, mata Banquo, assassina todos os Macduff, menos aquelle que o matará, trucida a nobreza, o povo, a patria, o proprio somno. Emfim, a catastrophe chega, a floresta de Birnam se põe em marcha. Macbeth infringira tudo, passara por cima de tudo, tudo violara, tudo esmagara, e essa transgressão de tudo acabou por attingir a propria natureza. A natureza perdeu a paciencia, entrou em acção contra Macbeth, tornou-se alma contra o homem que se tornára força.

Victor Hugo.

A data da Republica Portugueza foi commemorada no Grêmio Republicano Portuguez, com uma solennidade que se realizou sob a presidencia do dr. Duarte Leite, embaixador do paiz amigo junto ao governo brasileiro. E' um detalhe dessa commemoração o que fixa a photographia acima, onde apparecem o embaixador Duarte Leite e membros da directoria daquelle gremio.

JARDIM ABERTO — D. Jayme

Uma figura de excepção

A Academia Paulista de Letras, na vaga aberta pela morte de Amadeu Amaral, elegeu um dos espiritos mais brilhantes do Brasil e talvez o mais brilhante espirito de S. Paulo, o sr. Altino Arantes, politico doublé de homem de letras, orador primoroso e prosador elegante. No scenario politico nacional, a personalidade do academico paulista projecta-se batida de luz.

Jornalista brilhante e competente professor, Adriano Pinto, nestes ultimos tempos, vem norteando sua actividade intellectual dentro do vasto campo da psychologia experimental applicada á educação. E, sobre assumpto de tanta relevancia, é que esse nosso antigo e prezado collega de imprensa, que actualmente dirige o Gymnasio Municipal de Pouso Alto, em Minas, discorrerá, por estes dias, em conferencia que vae realizar no salão nobre do Lyceu de Artes e Officios desta capital.

No meio duma incultura quasi geral, em que mal afloram algumas especializações, na maioria apressadas, elle mostra a serenidade duma cultura geral, vasta, segura, profunda, lentamente bebida no seio dos livros. Ao bom gosto do artista allia a paciencia do erudito e a paixão do saber, o espirito de critica elevada e polida. E' uma figura de relevo excepcional, moldada no culto do estudo e na tranquillidade do julgamento, com uma bonhomia philosopha de Montaigne e um brilho verbal de Paul de Saint Victor.

Solennemente recebido na Academia Paulista, onde o saudou a palavra autorizada de Veiga Miranda, o sr. Altino Arantes pronunciou um discurso sobre a vida e a poesia, sobre a essencia da vida e a essencia da poesia de Amadeu Amaral, em que seu espirito se identificou com o do poeta desapparecido, sua alma póde comprehendel-o maravilhosamente, seu coração abriu-se para recolher o effluvio de simplicidade attica que era o perfume dos versos de Amadeu, e sua intelligencia expoz a todos os olhos o thesouro de bellezas lapidares com que soube interpretar vida e obra do amigo dilecto de Bilac.

..Na forma, no fundo, na precisão dos conceitos, na logica das deducções, na arte de dizer, em tudo, o discurso de recepção do sr. Altino Arantes é uma peça em verdade magistral. E' assim já o considerou a Academia Brasileira, mandando-o, por voto unanime, estampar nas paginas de sua revista — homenagem, ao mesmo tempo, ao companheiro morto e á grande, digna, insigne voz que tão bem ajudou a dizer quem elle foi e o que elle fez.

Não é caso, pois, sinão de felicitar a Academia Paulista de Letras por ter feito uma escolha tão notavel, que, oxalá! fosse imitada por outros cenaculos mais altos, de tal modo o valor mental do sr. Altino Arantes honra qualquer immortalidade academica.

O dr. Alberto Martins de Oliveira, distincto clinico patricio, que exerce a sua actividade na freguezia do Engenho Velho, nesta capital, onde goza de largo conceito e grande estima, pelas suas qualidades de coração e de espirito, vae receber uma carinhosa homenagem dos seus amigos e clientes, os quaes pretendem, por essa fórma, tributar o seu apreço áquelle illustre membro da nossa classe medica.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Realizador de Pesadelos

OS excessos da imaginação fazem de minha vida uma serie alternada de sonhos e de pesadelos.

Sonhos os mais lindos deste mundo! Marchas triumphaes. Thesouros maravilhosos. Paysagens lindas. Mulheres encantadoras. Musicas celestiaes. Perfumes inebriantes. Chuvas de flores. Todas as preciosidades e todos os prazeres. E a felicidade levando-me pela mão através dessas delicias...

Pesadelos os mais horrendos deste mundo! Figuras esqualidas. Sustos. Ameaças. Dôres atrozes. Torturas infernaes. Monstros pavorosos. Desertos sem fim. Desesperos surdos. Todas as solidões e todos os medos. E a voz da fatalidade a soprar-me ao ouvido as sentenças do infortunio...

Já lá se vae metade dessa vida. Talvez um pouco mais. E, na realidade, si tenho a tristeza de não haver conseguido nenhum dos meus bellos sonhos, resta-me o consolo de haver realizado todos os meus pesadelos — com um sorriso triumphal de desafio e ironia á flor dos labios.

Debout les morts!

ADEUS...

"ADEUS... Adeus, não, que não se diz adeus a quem se ama, a quem se traz tão dentro do coração"...

Parece-me que foste tu propria que, um dia, a proposito, não sei bem de que, chamaste minha attenção para esta phrase por mim mesmo escripta em uma das minhas paginas de *Fon-Fon*.

E eu, que te trazia "tão dentro de meu coração", eu, que fiz de tua alma distante o evangelho de saudade de minha alma de desilludido, eu, que vislumbrei em ti, no teu vulto mysterioso de mulher, a ansia mesma de todas as esperanças do meu amor outomnal, eu, que te recebi, que te acolhi, no templo da minha solidão, como quem acolhe um sorriso bom e carinhoso de mulher, eu, hoje, digo adeus, adeus, á feitiça miragem que te trouxe até mim, através a garôa côr de cinza, do crepusculo cheio de fastio de tua terra distante.

Tenho a antecipada certeza de que me comprehenderás, de que sentirás nas minhas palavras, nas ultimas palavras que te dirijo, a revolta dos desertos, dos areiaes candentes por onde, ha tantos annos, já, venho realizando o circulo vicioso da minha inquietação de só.

Ser só!

Sabes o que é ser só?

Sabes o que representa para um homem, em pleno outomno da vida, com a cabeça ungida pelos fios de prata do tempo, dizer, supplicar a uma mulher:

— Sou só. Vem e illumina as sombras da minha solidão?

Sabes, sim. Mas és mulher, e, como mulher, quizeste, desejaste ver queimados a teus pés, erguendo para o ar as volutas da sua angustia perfumada, o incenso e a myrrha de meu coração.

Mas, te enganaste. O peregrino, de olhos cheios de inquietude e de afflicção, que palmilhava, exhausto de cançaço e febricitante de séde, os areiaes em fogo da sua vida, tinha, ainda, o orgulho da sua solidão.

Era um forte. Um desses titans do soffrimento habituados ao peso de todas as dores e de todas as desillusões.

Atraz de si, nas grimpas altaneiras da sua mocidade, floria, ainda, uma floração de saudade, o amor casto e puro, ou brejeiro, fugace e leviano de muitas mulheres. De muitas mulheres que elle não comprehendeu ou não soube amar, ou que não o comprehenderam e não o souberam amar...

A vida é assim...

E a hora, o momento da felicidade sempre passa, para que a gente, só depois, tardiamente, já, tenha a tortura de comprehender que elle passou, sem que percebes neálos que esteve ao alcance das nossas mãos num corpo de mulher, que se entregava, numa caricia de mãos, trémulas de desejo, num beijo fugidio, de que só se sentiu o sabôr — o estranho sabôr de felicidade — quando elle não mais poderia ser repetido...

A vida é assim...

E a hora de amar, como a hora de se colher a rosa vermelha da felicidade, nos labios de uma mulher, nunca vem, nunca, no momento de se desejar a realização da propria felicidade.

Desilludido, e descrente, pelas vozes da minha saudade realizo ainda o milagre de fazer florescer o modesto e escondido "balcão" onde desabrocham sempre as rosas mysticas do meu evangelho de resignação, o meu templo de só, onde bimbalham, festivos, os sinos da minha recordação, da minha saudade...

Mas tu vieste e encheste o espaço, cortado de asas de andorinhas, do ambiente outomnal da minha vida, com o teu anseio de avezinha abandonada e timida, tiritante de frio, que buscava conforto no humilde campanario da minha solidão.

E eu te acolhi com carinho todo feito de asas de andorinha, um estranho carinho, que era bondade, que era amor, que era saudade...

Mas, não acreditaste nem na minha solicitude, nem no meu devotamento, nem na minha crença, no meu evangelho de resignação, de que pareci ser um éco distante, nem sempre grato e querido.

E, negando-te a ti propria, negaste tambem a minha fé e o meu amor — tu, que te dizias feita de desenganos e de desillusões, tu, que te dizias uma alma e um coração de "selvagemzinha" desalentada, que buscava tem nunca o encontrar, abrigo de uma esperança, o suave refugio de uma paz.

E eu abri, de par em par, para refugio de tua alma e de teu coração, as portas do templo da minha solidão, cheia de minha alma e de meu coração.

Depois... Depois começaste a fugir, voltaste para a nostalgia envolvente das garôas distantes, e me deixaste mais só do que nunca...

Cançou-te a solidão, o éco sem fim dos desertos que só florescem na dor.

A solidão é assim: feita apenas para os deuses e para os brutos — como dizia Nietzsche.

E, tambem, para os grandes, immensos recolhimentos da alma.

Adeus...

HELIALVMO.

Mlle. Elza Moraes, que é, como se vê, uma figurinha graciosa, pertence a uma illustre familia cearense, mas reside nesta capital. E' largo o seu circulo de admiradores.

Em brilhante solennidade, para a qual foram convidados os representantes da imprensa, o Touring Club do Brasil inaugurou, ha dias, em sua séde da Avenida Rio Branco, os diversos serviços de assistencia aos socios daquella instituição, e nos quaes se acham comprehendidas a assistencia mecanica, a administrativa e a judiciaria, que poderão ser prestadas a qualquer hora do dia e da noite. O dr. Cerqueira Lima, vice-presidente em exercicio do Touring Club, dirigiu os trabalhos da reunião, cujos fins expoz em rapidas palavras, tendo igualmente agradecido a presença dos jornalistas convidados. Falaram ainda o secretario geral do Touring, dr. Edgard Chagas Doria, que fez uma exposição sobre os novos serviços, e o nosso illustre collega Berilo Neves, que, em nome da imprensa, se congratulou com a directoria do Touring Club do Brasil pelos notaveis melhoramentos alli inaugurados sob tão promissores auspicios.

BALLADA...

O luar cobriu de névoa o meu jardim.

Os lirios e as gardenias offerecem um duello fidalgo de perfumes! E um suspiro de saudade espalha, pelo céo, a poeira argentina das estrellas. E a alma romantica de um Pierrot, nos soluços de um bandolim distante, cerra as minhas pupillas e embala a minha chimera numa sonata azul...

A brisa suavissima afaga-me os cabellos e beija-me a fronte fria.

E a tua vóz, essa vóz tão doce, que embala o meu destino, esmaece-se em surdina pela amplidão... E a minha cabecinha clara acompanha o compasso dessa musica encantada...

Descerro os olhos e só ouço o repuxo, soluçando de mansinho...

O luar cobriu de névoa o meu jardim...

A noite occultou uma gotta de saudade no calice dos lirios...

E o amor encheu de orvalho a taça de oiro dos meus olhos...

LYS D'ORLÉANS

O dr. Helvecio Xavier Lopes ao lado do grande poeta Adelmar Tavares e entre os seus collegas e amigos que festejaram, sabbado ultimo, com um almoço, a sua indicação para secretario do novo governo de Pernambuco.

A Fatalidade...

A mãe estava desolada e chorosa, á cabeceira da filhinha enferma. Sylvia de Andrade sabia que ia perder a sua adorada Ignez. Os médicos, esses implacaveis carrascos da esperança, haviam já proferido a sentença dolorosa: a menina não se salvaria. Tinham sido esgottados todos os recursos da sciencia. Não havia mais remedio para amparar aquella vida que se extinguia suavemente, prematuramente, como uma flor que morre em botão, morre antes de ser flor...

A pequena enferma olhava a mãe com os seus olhos onde ainda scintillava a luz deslumbrante da belleza, e onde ainda palpitava a inquietação infantil dos seus sonhos de criança. Olhava-a com vontade de dizer-lhe que não chorasse, que ella nunca a esqueceria no outro mundo, no mundo branco e luminoso das almas puras. E sorria docemente, na sua linda e precoce resignação.

IGNEZ fôra, sempre, uma criança sossegada e bôa. E de uma intelligencia que assombrava aos que participavam da convivencia de sua familia. Filha unica, tivéra o luxo de uma educação cheia de vontades e de mimos. Uma educação que prejudica a muita gente sem as qualidades que aquella menina possuia. Entretanto, não abusára nunca do dominio que exercia sobre a fraqueza sentimental de seus paes. Nunca impuzéra sua vontade áquelles que lhe deram o ser. Sabia respeital-os e queral-os com esse amor fascinante das pessôas verdadeiramente sinceras e verdadeiramente meigas. Era uma criança admiravel. Uma criança de assombrosa intuição e de bondade excepcional.

Aos nove annos, parecia uma moça bem ajuizada e bem educada. As visitas ficavam edificadas vendo-a tão quieta nos seus modos de menina bôa, que não se mettia na conversa das pessôas grandes, nem dava trabalho a sua mamã, mais velha do que ella apenas dezoito annos, porque se casára aos dezesete.

Seu pae, moço tambem, tinha loucura por aquella filha. E sua Ignez adoecêra quando elle estava fóra, numa longa viagem, de que só regressaria dois mezes depois.

Inspector de um importante banco, Alberto de Andrade andava em visita ás agencias que o estabelecimento tinha no norte do Brasil.

Sylvia recebia regularmente cartas do marido. Conhecia-lhe os passos pela correspondencia. Sabia que elle se achava no interior do Ceará, em Sobral, quando a filhinha enfermou. Mas, sem avaliar, a principio, a gravidade do mal de Ignez, se absteve de fazer qualquer allusão ao estado da menina na primeira carta que escreveu a Alberto. Receiava encher de apprehensões o espirito do companheiro querido e pae amantissimo. De maneira que Alberto ignorava inteiramente que a sua Ignez estava doente.

O medico da familia, que tambem a principio julgava sem importancia o mal, acabou confessando-se impotente para, sozinho, tratar da pequena enferma. Achava mesmo complicado e difficil o diagnostico, e pediu a presença de um collega, que, por sua vez, suggeriu a urgente necessidade de uma conferencia medica. Os maiores pediatras da capital foram chamados juntamente com os maiores clinicos. E essas summidades da sciencia local lavraram, por assim dizer, a sentença de morte da menina, cujo mal era sem cura. Ignez soffria de broncho-pneumonia e estava com os seus dias contados, porque a enfermidade já havia tomado conta de todo o seu fragil organismo.

Ao receber a tremenda noticia, Sylvia de Andrade ficou como que petrificada no seu desespero de mãe. Chorou sem verter lagrimas, porque estas lhe seccaram nos olhos doloridos. E ainda se lembrou, no tumulto da sua angustia infinita, de mandar um telegramma ao esposo, chamando-o urgentemente ao Rio.

"Ignez muito doente — dizia o despacho. — Venha urgente. De avião, si possivel."

ALBERTO de Andrade leu dez, vinte vezes, amargurado, intranquillo, o telegramma de Sylvia, que lhe chegou ás mãos numa noite em que a cidade de Sobral festejava, embandeirada e rumorosa de foguetes e de musica, a chegada de um seu filho illustre.

— Um telegramma urgente para o senhor — declarára-lhe o mensageiro da estação, ao entregar-lhe o papel verde do despacho.

Pensando na filhinha, enferma e longe do seu carinho, o pae de Ignez não poude dormir aquella noite. Fez as malas ás pressas e, no dia seguinte, manhã cêdo, tomou o trem para Camocim, onde chegou a tempo de alcançar o vapor que naquella terça-feira de abril seguia para o porto de Fortaleza. A sua intranquillidade augmentava á medida que se aproximava da capital cearense, porque, a bordo do pequeno navio do Lloyd, seu espirito trabalhava em mil supposições alarmantes, em mil conjecturas tremendamente afflictivas.

Sua Ignez doente! Muito doente! E elle, tão distante, tão irremediavelmente distante, sem poder cobril-a de beijos naquellas horas de saudade e de dôr em que seu pensamento já envolvia, amorosamente, todo o pequenino corpo da filha do seu coração e do seu amor! E elle sobre o mar cearense, vendo apenas, em cima, o céo azul sereno e em baixo as aguas verdes agitadas, sem saber si ainda poderia encontrar com vida a sua adorada Ignez!

Alberto sentia que tambem a sua vida estremecia, abalada pelo choque do perigo que ameaçava a vida daquella doce creaturinha que era tudo para elle. Seu coração de pae como que presentia qualquer desenlace fatal. E soffria profundamente com a emoção da sua ansiedade amarga.

O marido de Sylvia de Andrade sahiu do navio em que viajára de Camocim para bordo de um avião que no mesmo dia levantou vôo para o sul. O apparelho de azas vermelhas e poltronas commodas e macias desceu em Pernambuco e passou a noite em Recife. Na madrugada seguinte, rumou directo para o Rio de Janeiro. Devia chegar á metropole ás quatro horas da tarde. Devia amarissar na Guanabára num sabbado cheio de sol e cheio de alegria carioca. Mas a fatalidade queria que occorresse o contrario. E não ha força humana que possa vencer a fatalidade.

Quando o avião em que viajava Alberto de Andrade passava sobre Victoria, e o pae afflicto tinha deante dos olhos angustiados a linda cidade onde nascêra a sua Ignez, houve uma panne nos dois grandes motores do apparelho, e este, desobedecendo á direcção do piloto, descreveu uma linha tragicamente sinuosa no espaço e foi cahir, com estrondo, sobre um campo de football na Villa Velha. Espatifou-se e sepultou nos seus escombros a tripulação e os oito passageiros que conduzia. Um desastre de proporções assustadoras.

O destino extinguiu na mesma hora a vida de Alberto de Andrade e a de sua filhinha enferma. Ignez morria no Rio de Janeiro exactamente quando um accidente de aviação victimava seu pae, em Victoria. Estranho capricho dessa entidade invisivel a que chamamos fatalidade!

Sylvia de Andrade, exhausta e anniquilada pelas vigilias e pela grande magoa do seu coração de mãe, quasi nem podia mais soluçar. Chorava como choram as mulheres que já se acostumaram ao soffrimento: resignada e silenciosamente.

Inutilmente, esperou seu companheiro, naquella tarde. Alberto não chegou á hora em que devia chegar. A noite veiu augmentar o tormento daquella mãe desolada. Sylvia pensou num desastre. Pensou no desmoronamento de seu lar. E lembrou-se, no meio da sua angustia pungente, do adagio fatidico que anda na bocca de todo mundo: uma desgraça nunca vem só.

Os vespertinos registavam rapidamente o desastre de Victoria, com os nomes das victimas principaes. Lá estava o de Alberto de Andrade. Sylvia leu a noticia e rasgou o jornal, chamando pelo seu marido e dizendo coisas tremendas contra o destino. As pessôas que velavam o cadaver da pequena Ignez procuraram consolal-a. Ella repelliu-as com desespero, avançando, aggressivamente, para todos. O dr. Anthero Feitosa, seu medico, comprehendeu que a razão desertára do cerebro daquella pobre mulher, tão rudemente ferida no seu coração de esposa e mãe. Sylvia de Andrade enlouqueceu deante da dupla tragedia que lhe abalara a vida.

E naquella noite, emquanto a pequena Ignez dormia o seu derradeiro somno num caixãozinho azul, e Alberto repousava num necroterio de Victoria, Sylvia de Andrade era conduzida, num carro forte, para o hospicio da Praia Vermelha.

Conto de Martins Capistrano — illustração de Paulo Werneck

TREPAÇÕES

O velho deputado, apesar de nunca ter desempenhado papel saliente na politica, está convencido de que vae carregar uma pasta de ministro do futuro governo, servindo de traço de união entre dois bandos que se dizem divergentes...

A convicção do antigo parlamentar é tamanha, que o levou a tomar medidas preliminares para resistir ao ataque dos amigos e admiradores de ultima hora, pedintes de empregos, etc.

Não sabemos as razões que movem o illustre deputado a alimentar tão fagueiras esperanças, quando tudo faz suppôr que o seu Estado está fóra das cogitações da actual politica dominante.

Mas, ou não entendemos nada de politica, ou, então, está mesmo para acontecer alguma coisa extraordinario com relação ao futuro ministerio.

E' bem verdade que em politica, muita gente sonha acordado, porem, certas attitudes só se justificam na sociedade das velhas raposas, quando não existem cachorros na candha...

Emfim, dizem que o melhor da festa está em esperar pela mesma; por isso, vamos aguardar os acontecimentos, fazendo votos para que o illustre deputado não caia do alto, victimado de algum traumatismo de caracter grave.

Novembro se aproxima, e até lá...

AH! os cinemas, os cinemas! Não ha nem póde haver coisa mais deliciosa do que uma sessão de cinema. Certo cinema de um bairro *chic*, então, é adoravel, o inexcedivel. Lá, a gente vê fitas de todos os fabricantes, de todos os generos: fitas incluidas nos programmas e extras, na sala de espera, nos intervallos, no claro e no escuro...

Outro dia ficámos deslumbrados.

Bem perto, ao nosso lado, a pequena loira fazia taes declarações e taes festinhas ao namorado, estudante de medicina, que quasi morremos de inveja do rapaz...

Nem a garota respeitava a mamã, que, presente, fingia vêr apenas o que se passava na téla...

Pena é que o rapaz não soubesse corresponder a o enthusiasmo da loirita, mostrando-se possuidor de uma calma mais do que britannica...

Porque, então, o espectaculo teria sido completo, de muito sabor...

PARECE que as relações foram rotas definitivamente, não existindo mais qualquer compromisso, nem mesmo material... entre a dama que se diz honesta e o abastado capitalista.

Caprichos do coração, certamente, fizeram o capitalista fechar os olhos para muita coisa, porem, não foi possivel prolongar, por mais tempo, o sonho delicioso que viviam...

O capitalista havia aberto o seu cofre para a satisfação das mais loucas fantasias de madame, e nunca reclamou.

A sua philosophia acerca da vida, não é amarga, antes a fez risonha, amavel, para poder supportar certos *maridos* que estão fechados na sua mão...

Entretanto, desta vez, fadismou, e declarou que não queria nenhum negocio com o marido da illustre dama.

Pagava fantasias femininas, mas, não comprava o silencio de maridos pulhas.

A dama não teve habilidade para esconder ou contornar a situação creada e perdeu o melhor arranjo de toda a sua vida.

Nos tempos bicudos que correm, a illustre dama, que se diz honesta, vae sentir muita falta do seu abastado capitalista de gestos fidalgos e mãos abertas...

ELLE desappareceu de um dia para outro sem prévio aviso, ao que parece, porque o *maillot* de linhas fidalgas ainda o espera, todas as manhãs, á mesma hora, no mesmo sitio um pouco afastado do posto de banhos.

E' pena, porque nós já haviamos acostumado a vista na contemplação do quadro matinal, que tinha certa poesia, pois o *maillot* se deliciava em offerecer a bocca pequenina, sanguinea, para que o felizardo do rapaz provasse uns beijos demorados, lentos, saborosos...

Agora, ella o espera inquieta, nervosa, sem saber si elle volta ou não.

Si nós ao menos fossemos admittido como substituto do rapaz, podiamos garantir ao *maillot* de linhas fidalgas outras tantas manhãs azúes, festejada pela musica sonora dos beijos.

Custa pouco experimentar...

Já estamos treinados, pois, seguidamente, vimos o lindo *maillot* na areia fulva da praia recostar-se mollemente nos braços bronzeados do rapaz, e podemos, com segurança, repetir o gesto quem sabe si até com vantagem...

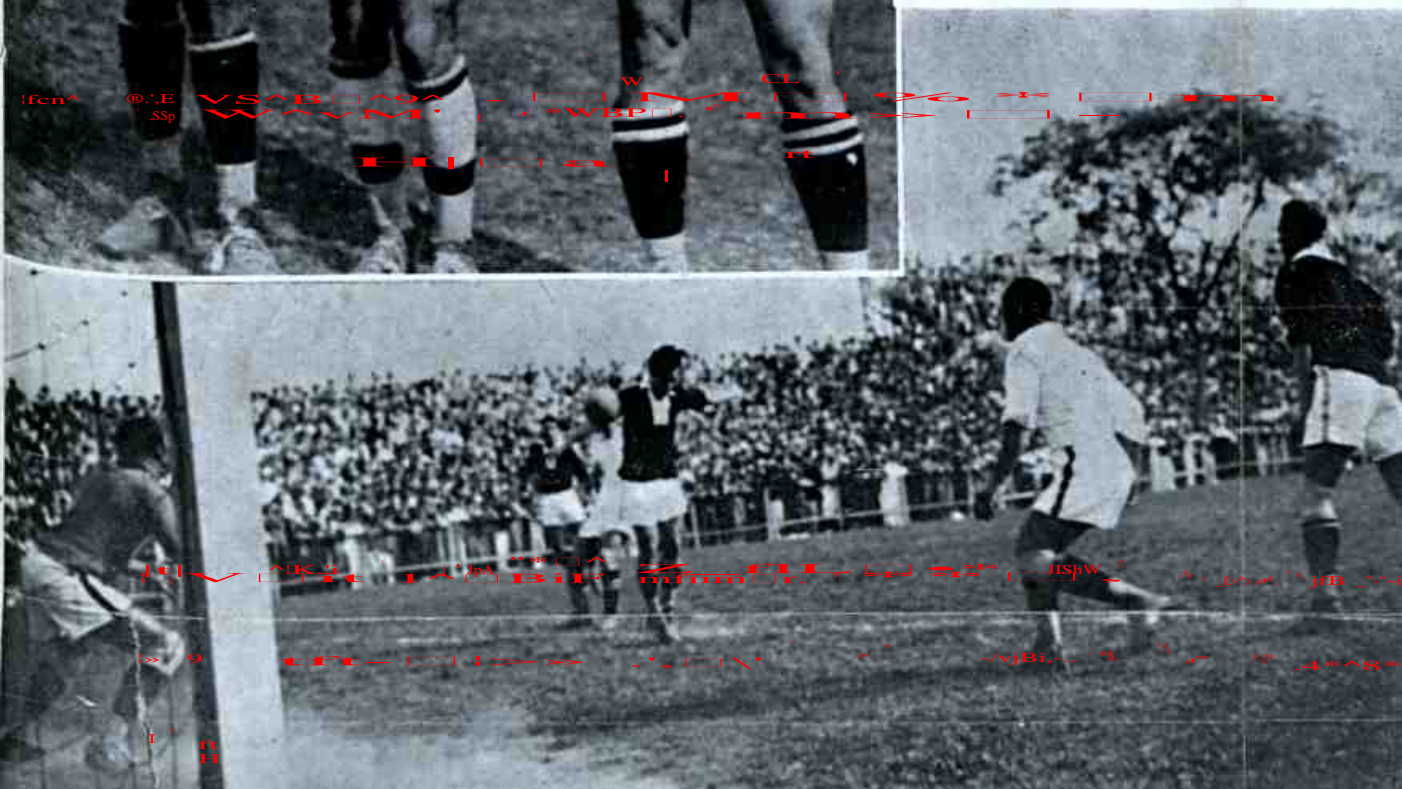
O rapaz partiu para sempre?

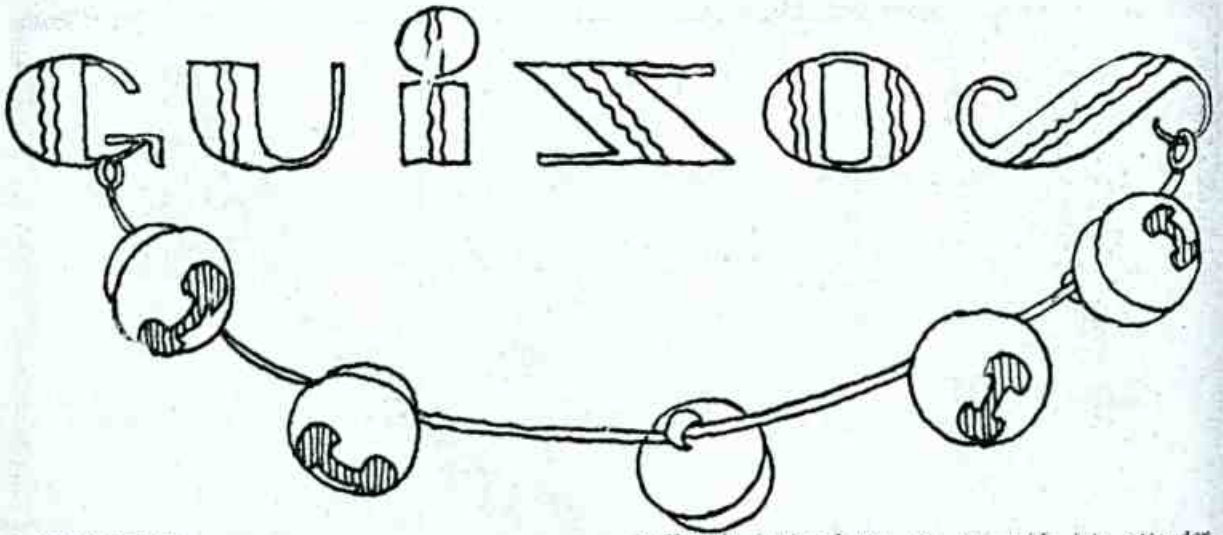
Nós estamos ás ordens, ó lindo *maillot* de linhas fidalgas!

GRAÇAS INFANTIS

Maria Luiza e Paulo Augusto são os dois filhinhos do casal Celio Augusto de Moraes e d. Laura Campos de Moraes, de Fortaleza, Ceará.

O campeonato de foot-ball

Varios aspectos da disputada partida de football entre o S. Christovam e o Vasco da Gama, no «stadium» da rua Figueira de Mello.

A MULHER CHIC
Ensemble de crêpe marrocain estampado.
Chapéu de panamá branco com guarnição de couro "beige"
Modelo de Jean Patou
Especial para "Fon-Fon"

Ensemble em "toile" de lã verde gizada de branco.
Jean Patou
Especial para "Fon-Fon"

O IMPREVISTO...

UM pobre homem tomou a resolução de se matar. Subiu a uma trave, amarrou na mesma uma corda, deu um laço ao pescoço e... zaz!...

O acaso, porém, evitou-lhe a morte tragica.

Um vizinho que chegava da rua, e percebeu o gesto do homem, teve tempo, entretanto, de, num gesto rapido, cortar a corda e o suicidio ficou para quando se annunciar...

O pobre homem meditou na asneira que esteve na imminencia de praticar, apertou, commovido, a mão do salvador, resolvendo encarar a vida por mais algum tempo, com a resignada nostalgia dos vencidos...

O quasi suicida, que tanto architectou o seu plano para fugir do mundo, certamente havia previsto todos os detalhes do acto, menos o apparecimento do vizinho armado de um instrumento cortante.

Assim é quasi tudo, meus amigos.

Nós nunca ligamos importancia ao imprevisto e elle está onde nós estamos, como sombra collada a nosso corpo...

EM NOME DA OPINIÃO PUBLICA...

O governo portuguez, empenhado contra a publicidade generalizada dada a suicidios, assassinios, crimes passionaes e outros casos escandalosos capazes de excitar a opinião publica, aconselhou aos jornaes que essas noticias sejam reduzidas a um ponto compativel com a funcção de informar.

Aconselhou, não é bem o termo, pois as dictaduras sabem apenas dar ordens...

Tanto assim que o conselho termina com uma ameaça, declarando que a não obediencia trará, como resultado, a suppressão total dessas noticias, da imprensa.

Isto equivale a affirmar que, praticamente, está annullada a funcção do jornal moderno em Portugal, isto é, o caracter informativo das gazetas.

Não ha como fugir aos conselhos dos governos dictatoriaes.

Os jornalistas que mercadejam com a honra alheia, sem duvida, devem ser passiveis de correctivo.

Mentir, intrigar, boatar, quando a mentira affecta a dignidade individual; quando a intriga influe para um conceito errado na opinião publica; quando o boato tem como consequencia abalar o credito gerando um ambiente falso de desconfianças, temos por devida e legitima, qualquer intervenção junto á imprensa.

Mas, annunciar que a Isaura ali da esquina, uma pequena de temperamento ardente e versada em romances de Escrich, brigou com o namorado — o Casuza — mocinho dado a conquistas, tendo em seguida bebido sal de azedas, e que o enterro da suicida se realiza ás tantas horas, em que pode isto offender, escandalizar ou excitar a opinião publica?...

Porque o meu vizinho da direita metteu uma bala na cabeça, por andar mal de finanças, segue-se que, impressionado com o caso, eu imite o exemplo do infeliz?...

Não! No primeiro exemplo, ha um aviso de certa importancia para o saneamento social, pois, as meninas de juizo evitarão o Casuza, peralvilho perigoso, o que só viémos a saber pelos jornaes...

Tambem os amigos de Isaura, conhecendo o seu desgosto intimo, denunciado pelos jornaes, podem correr para o consolo da familia da victima, cobrindo-lhe a campa com corôas de disticos expressivos, allusivos ao gesto da pequena.

Afinal, qual o abalo que esses factos corriqueiros podem trazer á sociedade!!

Supprimida a funcção informativa do jornal, este não tem razão de existir.

Para elogiar os actos dos governos, evidentemente, tambem não foi creado o jornal.

Mr. George Fonsegrive escreveu um livro ensinando como devemos lêr os jornaes.

O governo portuguez quer ensinar, agora, aos jornalistas como devem fazer a cozinha do jornal...

BORBA SANGUE

NEVES MANTA, publicando Borba Sangue e outras novellas, conquistou, definitivamente, logar destacado entre os novos que sabem escrever.

A sua prosa offerece o encanto de um estilo proprio, agil, nervoso, com o brilho de uma vivacidade inquietante.

A ousadia dos themas explorados, aliás, demonstra de sobejo que Neves Manta não é um escriptor para ser comprehendido por toda a gente.

O autor de Borba Sangue é medico, psychiatra brilhante, e tem a paixão dos casos clinicos que, com intelligencia, estuda, emprestando fórma literaria aos mesmos.

Possuindo uma cultura apreciavel, tem todas as qualidades que se fazem necessarias ao conteur perfeito.

Neves Manta está destinado a representar, entre nós, o papel que Fialho desempenhou na literatura de Portugal, pela fluencia das idéas, pela riqueza do vocabulario, pela coragem de enfrentar o publico, sabendo, emfim, desafiar a critica com atrevimento de um processo psychologico demasiado crú, mas que nem por isso deixa de ser bello, pois nelle existe a marca de uma arte requintada.

E, porque surge como escriptor solidamente dotado, é que muito esperamos de Neves Manta no proseguimento de sua carreira literaria.

MABION.

SI QUIZERDES GANHAR GRATUITAMENTE

UM SEGURO DE VIDA

NA IMPORTANCIA DE

REIS

10:000$000

Tomae uma assignatura annual, para 1931, de FON-FON ou SELECTA

PELA SEGUINTE RAZÃO:

A "Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A" premiará os seus innumeros assignantes, indistinctamente, com uma apolice no valor acima declarado, da Companhia de Seguros de Vida A EQUITATIVA, sem despesa, livre de exame medico, desde que o numero do talão de sua assignatura corresponda, integralmente, ao 1.º premio da 1.ª Loteria da Capital Federal, a extrahir-se em Março de 1931.

Preço das assignaturas por anno:

FON-FON .... 48$000   SELECTA .... 48$000

Pedi informações, hoje mesmo, á

Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A

RUA REPUBLICA DO PERÚ, n. 62

End. Tel. "FON-FON"   Telephones 2 - 4136 e 2-0377

Rio de Janeiro

Psychologia ou arte da guerra?

Por SYVIO JULIO

CADA dia que passa é, para minhas illusões de estudioso, um cemiterio. Certas theorias muito bonitas que me ensinaram, ao contacto brutal da realidade esphacelam-se. Hontem eram as que se referem aos factores naturaes como elementos de formação da mentalidade dos povos. Hoje incluo na enorme relação desses descalabros a fallencia das normas de psychologia.

Aprendi coisas interessantes nos livros sobre a alma do homem. A imitação, que Tarde transformou em principio de caracter sociologico; a simulação na luta pela vida, que Ingenieros analizou estupendamente; emfim, os basicos theoremas que pretendem explicar a alma do homem, que foi que abandonei?

De nada me valem tantos esforços, quando deante de mim caracoleia *um caso*. A verdade nunca me surge simplista, porém negaceante e polymorpha, a desafiar-me a argucia.

Em regra, sinto-me desnorteado, ao contemplar as protéiformes complexidades dos instinctos e dos sentimentos de qualquer criatura de carne e osso. Ingenuidade? Estupidez?

E' melhor exemplificar.

Noite de primavera. Um automovel na estrada. Uma linda mulher. Dois homens. A mulher guia o carro. Os dois homens, um serve-lhe de mestre-mecanico, outro de coisa alguma.

Subito, um incidente. Tres horas de trabalhos e resignações, entre a esperança de tirar o vehiculo do buraco e a impossibilidade de o fazer.

As palavras, que não dizem nada, como na poesia de Ballivián, tomaram aspectos transcendentaes.

Falou-se de tudo. A trindade tagarellava por todas as onze mil virgens. Parecia que os dois homens estavam apaixonados pela mulher.

Aqui começa o drama do psychologo. Convenceram-me de que um sujeito vae successivamente mentindo, enganando, trahindo a evidencia, para facilitar a si mesmo, com prejuizo do proximo, a victoria na existencia. Citaram-me tambem o facto do infeliz que se illude, sem illudir os semelhantes. O que ninguem elucidou é a patente ma circumstancia de uma mulher, á meia-noite, dentro da floresta, num caminho deserto, emquanto se procura arrancar de uma vala um automovel, manejar dois homens simultaneamente, ora ferindo um, ora outro, ora envaidecendo um, ora outro.

Ella senta-se á beira da agua e, com a suave mãozinha, humedece distrahidamente o chão.

— Não se molhe — murmura um dos cavalheiros.

— E' para que não te sentes aqui perto de mim — retruca-lhe a feiticeira.

O visado zanga-se. Emmudece. O collega accende toda uma fogueira de S. João no peito.

Logo em seguida, muda-se o quadro. Tratava-se do perigo de um assalto.

— Eu — assevera o afortunado de ainda ha pouco — estrangularia cem aggressores.

— Ora! — responde-lhe a idolatrada — você, que depois de se offerecer para me vingar uma afronta, andou quietinho!

A' proporção que os dois homens sorriem ou entristecem, a mulher marcha e contramarcha habilmente.

Rodou, afinal, o carro.

Por apparente inclinação, durante algum tempo ella, que vinha a dançar de uns para outros braços, pareceu que preferia o mais intelligente, o mais culto e o mais vigoroso dos rivaes. Sentou-se com elle ao fundo do vehiculo e cedeu a direcção a seu mestre-mecanico. Este, firme no posto, levava, por praças e ruas, o automovel. Aquelle, labios pregados aos labios della, voava ao paraiso.

Antes, entretanto, a mulher teve o cuidado de cear com os dois homens. Ahi fingiu que bebia vinho em demasia. O alcool ser-lhe-ia, depois, a um tempo, *habeas-corpus* e *alibi*.

Tres da madrugada. Os dois homens e a mulher chegam á residencia desta. Só então as boccas e os corpos moços do casalsinho se afastaram. O mestre-mecanico soffria calado.

Ella salta. Dá uma gargalhada de palco. Tropeça um pedacito. Despede-se dos dois homens. Como? Por conta da bebida, olha para o desgraçado mestre-mecanico, e passa-lhe meigamente a mão no rosto.

O bôbo recuperou-se.

O mais fino, o mais energico, o mais disposto sonhava entrar.

— Seria uma crueldade, — sussurra a mulher a seu ouvido; — aquelle coitado padeceria... Elle me ama...

No dia seguinte, quando o amante triumphador lhe voltou á casa, ella, muito fria, representou nova peça. Não se recordava... Pela primeira vez na vida o vinho lhe arrancára a volição, a memoria, tudo... Mulher! Mulher totalmente!

A historia, que é, em absoluto, veridica, teve seu epilogo. O intellectual, cujo espirito já apanhára golpes semelhantes, enojou-se e, deixando aquella que, na vespera, estremecêra ás caricias masculas de seus dedos e ao simum de seu halito, despertou nos escaninhos da vaidade offendida os ursos brancos da revolta, do desprezo do tedio das coisas deste planeta. O mestre-mecanico continua a dar lições de motorneiro entre suspiros e, após, a guiar o automovel, onde a mulher distribue as brazas de sua volupia com entes menos infortunados.

. . . .

Bastos Portela. Martins Capistrano. Ambos vocês consomem os annos a esmiuçar as almas femininas. Poderiam dar descanso á minha intelligencia, dizendo si a psychologia é, de facto, historia do arco-da-velha, ou si a mulher que engana, simultaneamente, dois homens, deve ser estudada na tactica e na estrategia?

Estou, Bastos Portela e Martins Capistrano que tal mulher não é por ahi um Gracián, mas um Napoleão.

O presidente Manuel Duarte e sua politica de reconstrucção financeira e estimulo economico

O presidente Manuel Duarte vem realizando no Estado do Rio de Janeiro sábia e bem inspirada politica de reconstrucção financeira e estimulo economico, muito embora a inclemente conjunctura de difficuldades oriundas da crise mundial, que, no momento, tanto cream entraves ao mais amplo e efficiente desenvolvimento da administração.

É o que se deprehende da leitura referida da recente mensagem apresentada por s. ex. á Assembléa Legislativa do Estado — importante e sincero documento politico. Que o illustre chefe do governo fluminense focaliza os aspectos principaes da sua segura e bem orientada acção administrativa.

Referindo-se ao phenomeno de desequilibrio economico que, como um reflexo da crise geral, se produziu no Estado, com a baixa do café e consequente depressão de outros elementos da producção fluminense, s. ex. assim se expressa:

"Quaesquer que hajam sido as causas immediatas ou remotas, permanentes e transitorias, da queda dos preços do café, do assucar, do sal, etc., ahi os temos, a esses males, que com tamanha intensidade nos affligem.

Nada disso, entretanto, deve levar-nos ao desanimo. Ao contrario, cumpre-nos tomar a lição, tal como se nos apresenta e reagirmos segundo os ensinamentos que os factos, na sua brutalidade, nos estão impondo.

Em terras valetudinarias, sem revitalização artificial, a monocultura, seja do que fôr, ainda mesmo de um rico producto, é um erro que fere o mais rudimentar conhecimento das cousas. Não basta, por outro lado, fazer a lavoura extensiva e variada, mas, sobretudo, industrializar essas culturas, facilitando aos seus productos o necessario curso commercial. O papel que ao Estado está destinado, na actividade agraria, é conseguir melhores, os optimos productos. Precisamos beneficiar o typo do nosso café, levar ao mercado as melhores [illegible], o sal de primeira qualidade, o excellente e barato assucar.

Como, porém, chegarmos a esse magnifico resultado, si a lavoura cafeeira, a mais rica, vive sem recursos, sem credito, quasi sem possibilidades bancarias? Como apurarmos, quanto á qualidade e a preços de producção, o fabrico do sal, si o salineiro é pobre e não dispõe de quem financie as despesas que precisaria realizar para melhorar os seus taboleiros? Como ter o assucar a um custo de producção conveniente, si desde a escolha das qualidades da canna até ao combustivel para as usinas, são difficuldades que ainda não tivemos possibilidades de remover?

Desanimar? De modo algum. De nenhum medo, sim, até porque já começou, em todo o Estado, a reacção."

São, assim, palavras de salutar estimulo, de fé e de confiança, as do eminente homem publico que dirige os destinos do Estado do Rio, cujos vários departamentos de actividade mereceram sempre do governo a maior solicitude e attenção.

Entre esses, o do ensino, a que o presidente Manuel Duarte consagra especial desvelo, interessando-se profundamente pela instrucção publica do Estado.

"Temos mantido, sem descontinuidade, um grande esforço pelo desenvolvimento do ensino publico, principalmente primario. Com a collaboração solicita e proveitosissima do professorado e da propria população que já se interessa vivamente pela instrucção, as escolas existentes estão sendo procuradas, compensadoramente, pela infancia.

Os últimos dados estatisticos, alcançando o mez de Agosto, attestam resultados magnificos. Estamos com 1.001 escolas, onde se matricularam 98.367 creanças, dando uma frequencia de 64.502. No primeiro semestre do corrente anno, a matricula de analphabetos chegou a 46.069 creanças. São números significativos. Ao findar o anno de 1927 havia no Estado 737 escolas com a matricula de 58.903 e frequencia média de 38 903 alumnos. Em 1930 — tres annos após — o numero de escolas subiu a 1.001, ou mais 264, com a matricula de 98.367, ou mais 39.464 creanças, e a frequencia apurada de 64.502, ou mais 25.559 alumnos."

Mais adiante, assim se expressa s. ex. sobre o relevante assumpto educacional:

"Nunca será demasiado insistir na affirmação de que o Estado do Rio de Janeiro, dia a dia, mais se afervora no altíssimo proposito de figurar no núcleo victorioso dos que vêm prestando á causa da educação nacional os mais assignalados serviços. Mas cumpre resaltar que as conquistas de que nos ensoberbecemos, nesse terreno que se eriça de difficuldades de toda sorte e onde surgem os mais complexos problemas a resolver, — têm sido alcançadas a alto preço de um labor indefesso, de zêlos patrioticos que nunca esmaeceram, de experimentadas dedicações e insuperável operosidade, destacando-se o magistério fluminense como o factor mais decisivo desses triumphos."

O serviço de rodovias, o de saneamento, bem como varias outras obras publicas, são minuciosamente focalizados na ultima mensagem do eminente patricio e illustre chefe do Estado, que tanto e tão nobremente tem sabido corresponder á alta confiança de seus conterrâneos, tornando-se credor das mais legitimas sympathias da população fluminense e de seus patricios em geral.

S. ex. o sr. dr. Manuel Duarte, presidente do Estado do Rio de Janeiro.

A arte feiticeira de Martins Capistrano, reunindo em volume uns quinze contos de substancia amorosa, augmentou consideravelmente o apparelho chrematistico da literatura brasileira.

Era bem de vêr o resultado desse movimento. Agitada a sensibilidade emotiva desse escriptor, cuja vida artistica o Rio de Janeiro incentivou e desenvolveu com as suas seducções de metropole deslumbradora, despertára tambem a sympathia de meio milhão de intelligencias. Aliás, será este o escasso numero dos leitores de Fon-Fon, os mesmos leitores das letras amaveis e polidas de Martins Capistrano.

Diga-se aqui, de passagem, que, faz uns oito annos que Fon-Fon vive muito sob os auspicios intellectuaes de Martins Capistrano.

Vertigem, o livro de estréa que tenho aos olhos, é um trabalho de mestre.

Não se resente das falhas communs aos seus similares.

Mas, o escriptor de Vertigem já era um conhecido cinzelador de poemas em prosa. Eu o considero o mais illustre dos nossos chronistas, porque tudo quanto sae da sua penna contem um sabor especifico de sentimento e realidade.

Capistrano não é um chronista banal, um desses colleccionadores de logares-communs á exploração dos themas de fantasia.

Os seus trabalhos literarios traem o seu coração.

Elle perscruta a alma da vida. Apalpa o coração á humanidade.

Lamentando as lagrimas que as mulheres formosas deixam correr dos olhos, Capistrano, ás vezes, chora tambem as suas lagrimas de amor...

Vertigem é um livro de psychologia amorosa.

Em todas as suas paginas ha uma intriga de amor e um transumpto de tristeza.

As heroinas dos contos de Martins Capistrano são, todas ellas, velhas amigas nossas.

Como a Henriqueta, de Balzac, a Ema, de Flaubert, e a Luisa, de Eça de Queiroz — as grandes amorosas celebradas sempre por nossa admiração — Lili, Clara — Lucia, Helena e Marilia, de Capistrano, passam tambem á comparsaria das nossas enscenações sentimentaes. Essas creaturas vivem em torno á nossa vida compondo os seus romances com o talento da sua predestinação.

As obras de arte valem pelas inspirações que determinam.

Só uma revelação profunda nos acorda sentimentos e afinizações em coordenação de motivos artisticos.

Os contos de Martins Capistrano reflectem a eterna miragem dos contrastes da vida.

Os mesmos ambientes irreconciliaveis, as eternas tendencias de volubilidade humana, as desditosas canseiras dos amores infelizes...

E, gizando sempre o plano de felicidade inattingivel que é o anseio universal, as personagens de Vertigem passam sobre o seu destino realizando os sacrificios de toda a hora, naturaes a todos os destinos.

Martins Capistrano é um sonhador amargo. Sente-se que o seu coração adora a volupia de sonhar, mas teme os horrores dos pesadelos.

Elle sabe que a existencia é a fonte escaldante do imprevisto. E que, na alegria de um momento, está a suprema angustia de muitos annos penosos.

A alegria raramente visita os pensadores. Foge-lhes como a fortuna.

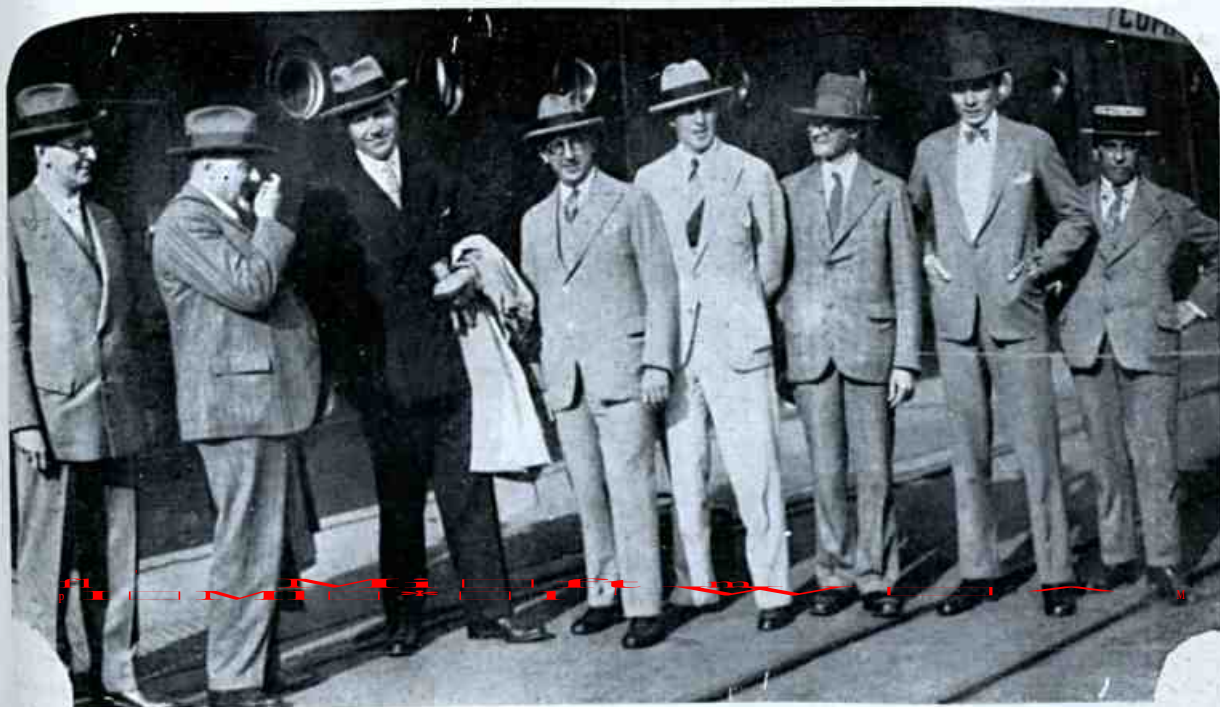
Talvez lhes repugne, a essas duas princezas, cortejadas pelos tolos com uma sabedoria maliciosa, a altivez dos pensadores.

A tristeza reside bem perto á casa do pensamento. Mas, a tristeza é uma collaboradora da belleza na arte.

Martins Capistrano escreveu um livro onde a tristeza revelou o seu espirito ferindo notas de harmonia, e compondo phrases de solidariedade a todos os grandes males de amor.

Acompanhadas do professor Carlos Sá, as alumnas do 4.º anno da Escola Normal do Districto Federal visitaram, ha dias, a séde da Assistencia Dentaria Infantil, onde assistiram a uma aula pratica de hygiene bucco-dentaria.

O PRINCIPE DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

"Branco e Preto", pamphleto que dentro de alguns dias apparecerá nesta capital, sob a direcção do nosso confrade Victor de Sá, vae promover a eleição do "príncipe dos jornalistas brasileiros", que será procedida entre os jornalistas militantes do paiz. A votação será directa e una em todos os Estados da Federação, devendo cada eleitor, para isso qualificado, enviar o nome digno do seu suffragio aos jornaes que controlem as eleições estaduaes; esses jornaes, por sua vez, ficarão subordinados á apuração geral, feita por "Branco e Preto".

Um flagrante do desembarque dos srs. W. R. Manne Hauser, respectivamente, director e pharmaceutico da I. G. Farbenindustrie Aktiengesellschaft, Leverkusen-Am Rhein, Allemanha, que ha dias chegaram a esta capital, a bordo do «Cap Polonio».

O Relogio

E o relógio não cansa...

Dentro da noite calma, ouço apenas um tic-tac, tic-tac, sempre assim, sem parar...

Meia noite! Hora cheia de espanto, sensual, superstíciosa: hora em que a gente crê em almas do outro mundo, em vultos brancos, phantasmas de pavor.

E eu escuto na treva as pancadinhas surdas: tic-tac, tic-tac...

Não sei porque eu tenho tanto mêdo da alma do relogio...

Ouço-lhe a voz prophetizando a tristeza e o luto.

O pêndulo oscillante, com brutal indifferença, vae esmagando o tempo minuto por minuto.

Tenho saudade da vida, que me parece fugir mais rapida que nunca.

Si o relogio parasse!...

Oh! como seria bom ficar eternamente assim, na mocidade!

Fecho os olhos; quero dormir.

Por que pensar em coisas impossiveis?

Que delicia viver neste mundo de sonhos, nesse universo immenso que a gente cria quando cerra as palpebras!

E, agora, vejo, numa treva confusa, um enorme relogio a rodar ao contrario.

E vae voltando assim o meu passado: um dia muito feliz que eu não posso esquecer: o meu primeiro amor todo ingenuidade; uma desillusão por intervallo, e depois outro amor, mais outro, e tantas desillusões ainda...

A minha infancia cheia de travessuras, o velho Papá-Noel carregado de bonbons e carrinhos, e a escola, os recreios, as teimas, os ciúmes...

Uma boneca de louça, que o maninho quebrou... e tanta coisa mais, que o tempo já cobria...

E isso tudo tão longe, tão confuso...

Maria Laura Teixeira Mendes, joven escriptora cearense.

A Caveira

CAVEIRA! Carcassa velha de ossos amarellecidos lembrando a finalidade da existencia.

A carne, roupagem ardente que a cobria, apodreceu.

Os olhos, pharoes de sua vida, apagaram-se, emfim.

Quantas lagrimas talvez dali verteram nas horas de agonia — lagrimas, gottas de orvalho, oásis de conforto neste sahára da vida!

E agora? Duas orbitas vazias, cavidades profundas e estereis.

Nas maxillas immoveis estão pregados, como coisas artificiaes, duas fileiras de dentes.

Descobertos assim, sem o abrigo dos lábios, elles parecem sentinellas mudas e petrificadas guardando um momento arruinado.

* * *

A alma desta caveira eu sinto que ainda existe, e ouço a sua voz num brado de protesto:

— Vae! Eu não te quero ver! Tu queres descobrir o meu passado! Malvada pretenção!

Pobre caveira! Abandona da vida esta descrença vã.

Ri, calma e descuidosa.

Escancara o teu craneo ás indagações curiosas.

Deixa que te aprofundem e te analysem e, eu te asseguro, nenhuma philosophia humana poderá penetrar nos teus arcanos.

Maria Laura

Teixeira Mendes

«FON-FON» NA FRANÇA

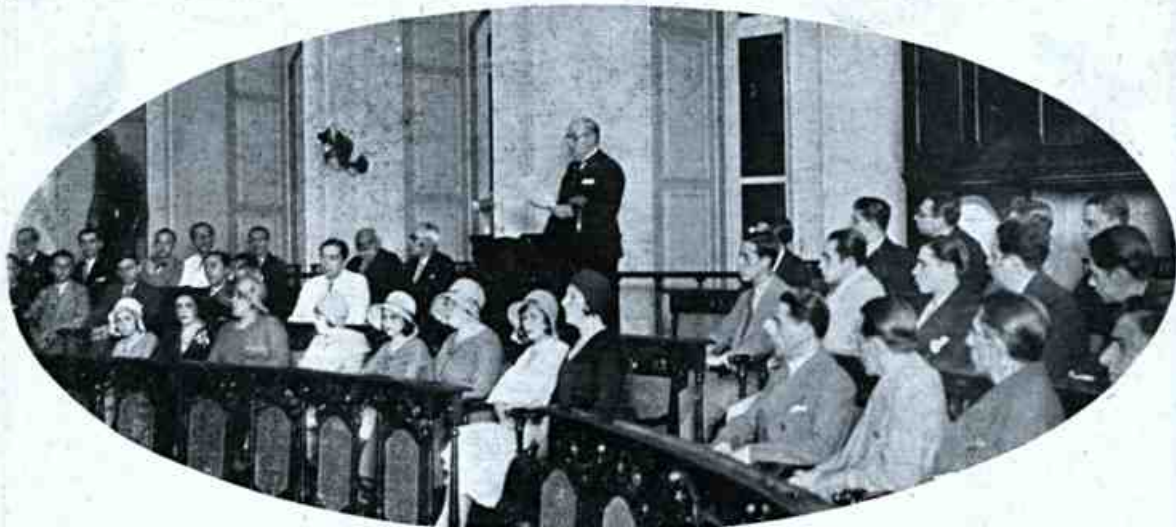
Tres brasileiros em visita á conhecida estação de águas Chatel Guyon: o casal dr. Nelson Ottoni de Rezende, de S. Paulo, e o dr. Ruben Moitinho, engenheiro fiscal de empresas e companhias de serviços públicos no Estado do Rio de Janeiro, e que acaba de tomar parte, como representante do nosso paiz, em vários congressos technicos realizados na Europa.

FILIGRANAS

A raça, ou, como diria um sertanejo nordestino, a nação de gente mais terrível, mais insupportavel deste mundo é o perú do jogo de xadrez. Elle enthusiasma-se pelos lances, commenta as jogadas feitas, dá opinião sobre as que se vão fazer, torce por um dos parceiros, goza ou enfurece-se conforme as vantagens ou prejuizo de que entedeu de proteger e seu de;plante chega a tal ponto que, ás vezes, mette a mão no taboleiro e move as peças, contrariando os jogadores e impedindo sua decisão.

Bem podia a policia, aproveitando o estado de sitio, metter no xadrez todos os perús de xadrez... Iriam apertar lá dentro...

Senhorita Gertrud Seyfried, residente em Hamburgo (Allemanha), e que se acha em visita ao nosso paiz, tendo aqui chegado, ha dias, a bordo do «General Osorio».

Por iniciativa da Associação Brasileira de Pharmaceuticos, realizou-se, na semana passada, o lançamento da pedra fundamental da «Casa da Pharmacia». A essa cerimonia compareceram altas autoridades do governo e prefeito e innumeros representantes da classe pharmaceutica. Ainda por esse motivo, houve um almoço, offerecido ás delegações estaduaes, o qual se realizou no Club dos Bandeirantes. Os dois aspectos acima são do lançamento da pedra fundamental da «Casa da Pharmacia»; o de baixo representa os pharmaceuticos que tomaram parte no ágape.

No Syllogeu Brasileiro realizou-se uma sessão solenne, em regosijo pelo lançamento da pedra fundamental da «Casa da Pharmacia», falando vários oradores. A gravura acima focaliza um aspecto da sessão.

FILIGRANAS

O lyrismo que enchia a grande alma de Hugo fazia com que elle chegasse, como escreveu alhures, «á ce point d'égarement de ne pas saluer le seigneur Incitatus, consul et cheval». Eu não tenho pretenção alguma a imitar o genio que compoz a «Légende des siécles», mesmo porque isso seria ridiculo. Entretanto, a philosophia me fez chegar ao mesmo ponto e somente forçado pela boa educação cumprimento ou respondo ao cumprimento, quando passa por mim um dos muitos Incitatus que alli proliferam occupando cadeiras na camara ou no senado, pastas de ministros e mesmo poltronas academicas. O engraçado é que elles pensam que ninguém sabe que elles são Incitatus...

* * *

Arraigada superstição entre os sertanejos nordestinos manda que se não apontem as estrellas com o dedo. O menos que acontece ao indicador é crear uma verruga.

Vem de longe a crendice. De certo das primeiras condemnações que soffreram os sábios que procuraram contar as estrellas. Hipparco tentou esse calculo e Plinio censurou-o» achando que isso era contrario a Deus: «ausus rem Deo improbam». Essa theoria prolongou-se do paganismo ao catholicismo. A Igreja usou-a. Ella está no requisitorio da Inquisição contra Campanella, diz Hugo. E o pensamento do povo não é mais do que um éco dessa condemnação antiga.

Grupo das pessoas que compareceram á sessão solenne que a Associação Brasileira de Pharmaceuticos realizou no Syllogeu, sabbado á noite.

Quando a belleza

do rosto está ameaçada pela imperfeição da cutis, rugas, sardas, espinhas, manchas, cravos, vermelhidões, empigens, asperezas, queimaduras pela acção do sol ou do vento — é dever de toda mulher que deseja conservar um rosto attrahente, dar á cutis os cuidados hygienicos necessarios devolvendo a perdida louçania, uniformidade e belleza.

POLLAH o crême que representa tudo o que a sciencia dermatologica encontrou de mais precioso para a cutis, evitará e corrigirá todas as imperfeições, aformoseando o rosto e conservando a frescura da juventude. POLLAH não contém gordura — é o crême indispensavel tanto para a cura das imperfeições da cutis, como para branquear e adherir o pó de arroz.

Para receber gratuitamente o livrinho "Orgulho da Belleza", corte este "coupon" e remetta para os Reprs. da American Beauty Academy — Rua Riachuelo, 114 — Rio de Janeiro.

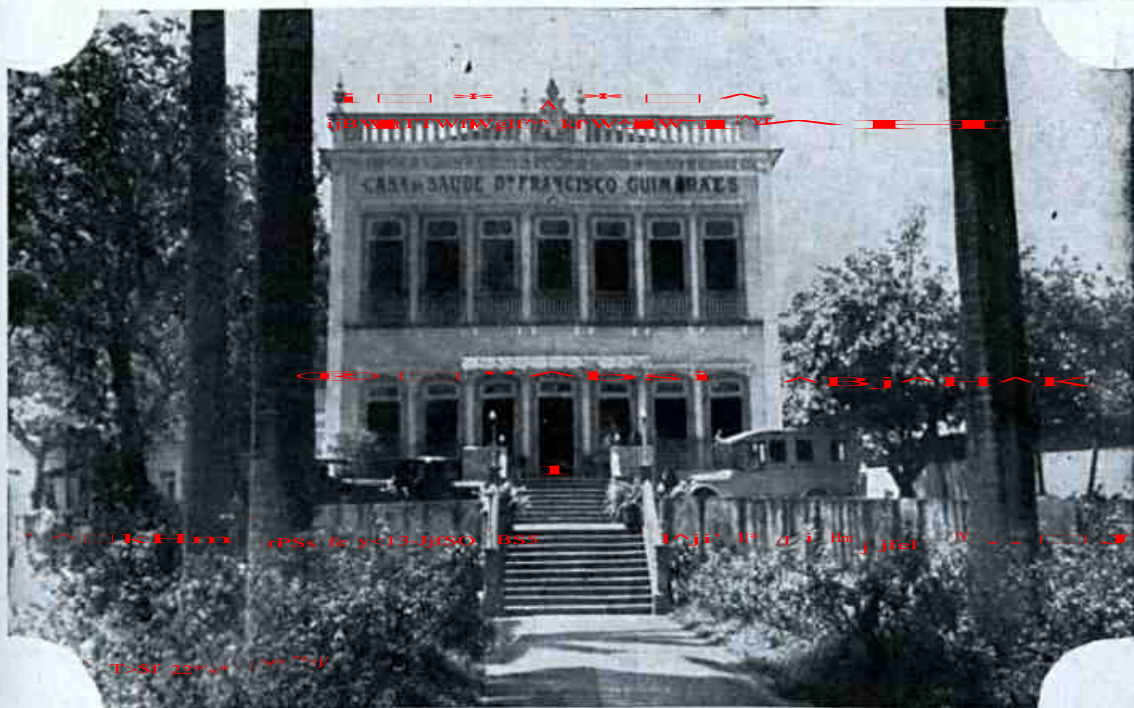
NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
TELEPHONE 8 - 3957

DIARIAS DESDE 15$000

UM GOLPE DE MESTRE

(Conto de Cristopher Booth)

(Continuação)

— Eu o espero, inspector; eu o espero — falou o auxiliar; mas a sua expressão não tinha cem por cento de sinceridade.

Scismava na nova velhacaria de Slippery Jim, e estava curioso por conhecer o novo ardil que elle ia introduzir na suave arte de passar contrabandos. Conhecia-o muito bem; por isso, a despeito da confiança depositada no chefe, tinha uma incommoda sensação de que Slippery Jim "escaparia" outra vez.

* * *

O Titania lançou ancoras. Duas embarcações da Policia Maritima deslisaram ao longo do seu costado; uma dellas fazia este giro pela razão especial de conduzir no seu bojo o inspector January, que dava ao caso Slippery Jim Hemmingway toda a sua attenção.

O detective Conklin chegou ao tombadilho, vindo do navio recem-chegado, acompanhado pelo agente Clarke.

Conklin cumprimentou rapidamente, e disse em seguida:

— Elle está na cabine, inspector. Nada aconteceu desde que lhe radiographei hontem. Elle parece extremamente perturbado e abatido. Começo a pensar que talvez o que saltasse para o mar...

— Fossem diamantes verdadeiros, não é? — interrompeu-o o inspector January, com um ronco surdo. — Esqueça-se disso, homem — Slippery Jim é um actor de primeira ordem. Elle costuma divertir-se commigo com taes especies de coisas, mas desta vez Slippery Jim não conseguirá escorregar-me dos dedos. Conduza-me á sua cabine. Venha, Clarke.

A porta da A-9 estava fechada. January não desperdiçou muito tempo com a cerimonia; sem bater, a mão desceu á maçaneta. Não estava em seu temperamento usar de civilidade com Slippery Jim.

Mr. Hemmingway encontrava-se assentado, com uma expressão de abatimento no rosto. O seu sobretudo jazia sobre os joelhos; o queixo apoiava-se no dorso de uma das mãos, que, por sua vez, era sustentada por uma bengala. Dois saccos de viagem achavam-se a seus pés. Como a porta se abrisse, olhou em sua direcção, e um languido, quasi fatigado sorriso aflorou-lhe aos labios.

— E' Tom January — murmurou. — Esperava-o, certamente. Tive noticias de sua promoção. Felicitações. Perdoe-me, inspector, se pareço algum tanto falho de cordialidade; mas supponho que já ouvi falar do golpe que soffri, da perda de...

— Da perda de algumas pedras falsas, não é assim? — interrompeu January, com um riso de desprezo. — Que especie de pateta pensa que sou, para engulir semelhante tolice?

— A especie de pateta que penso ser? — perguntou Slippery Jim, voltando á attitude normal. — Não me confunda, sr. Inspector; faça o favor de não me provocar uma explosão de franqueza. Não gostaria de ferir a sua «aceptibilidade.

January enrubesceu de cólera.

— Deixe-nos ver a lista dos objectos trazidos — resmungou.

— Certamente, sr. inspector, seguramente — ajuntou Mr. Hemmingway, e apresentou uma das folhas regulamentares de bordo, e que são fornecidas a todos os passageiros.

— Aqui está, January, uma verdadeira e honesta exposição de todas as coisas sujeitas aos direitos alfandegarios e que serão transportados para terra.

O inspector tomou a folha de papel que continha uma summaria lista. Claro estava que James Mitchell Hemmingway entrava nos E. U. com muito menos do que quando partira de suas praias. Estavam annotados um traje completo e mais sete camisas de sera e uma pedra preciosa da classe dos diamantes.

— Que homem desconfiado é o sr. inspector! — exclamou Slippery Jim. — As pesquisas começam agora? E levantou-se complacente.

— O cavalheiro vae para a terra numa de nossas embarcações! — declarou o inspector January. — Irá, em seguida, até o meu escriptorio, passando pelo de Lord Harry. E, no meu, ficará até desenterrar os seus dezenove diamantes.

— Deveras! — suspirou Mr. Hemmingway. — Quanto tempo tenho de supportar a atmosphera desagradavel do seu escriptorio, inspector January! Receio bem que tenha de se desdizer a respeito do facto. Dei-lhe a minha palavra, inspector, de como não tenho os diamantes, exceptuando-se este.

E tirou do bolso a caixinha de couro vermelho.

— Creio que uma avaliação de duas mil libras por semelhante pedra será razoavel, não? E' triste, inspector, pensar que os outros dezenove estejam no fundo do mar!

Havia humidade nos seus olhos.

— Acabe com essa comedia de lagrimas! — vociferou January — e deixe-se de querer enternecer-nos!

Os tres officiaes aduaneiros e o seu "prisioneiro" puzeram-se em movimento. O agente Clarke incumbiu-se dos saccos de mão e o inspector January não perdia de vista Slippery Jim, alerta sempre para impedir alguma espertoza. E dirigiram-se para as embarcações de policiamento maritimo que esperavam em baixo.

Uma hora mais tarde estavam no escriptorio do inspector January, onde começou a pesquisa para o encontro dos dezenove diamantes que o official acima assegurava encontrarem-se occultos nos saccos de mão ou nas roupas que trazia Hemmingway. A busca estava sendo feita com a maxima solicitude.

Os dois saccos de viagem em primeiro logar, sendo o seu conteúdo empilhado sobre a secretária do inspector, sob os olhares observadores de Jim, que tinha um sorriso frouxamente divertido a brincar entre os labios. Um pedaço de sabão de barba foi cortado em pedaços, de modo a eliminar a possibilidade de ter sido a sua fórma cylindrica modelada para os diamantes; dois tubos de pasta de dentes foram amassados, para demonstrar que não occultavam as pedras preciosas.

Havia um estojo de *toilette* com uma pesada envoltura de pura prata — tudo foi lacrado cruelmente, para provar que não poderia conter nenhum esconderijo para as dezenove gemmas.

— Oh! — protestou elle — digo, afinal, que estão fazendo um estrago terrivel nos meus bens!

E o inspector não conseguiu nada com elle: as pesquisas foram infructiferas. Ficou, então, admittido que as pedras não estavam escondidas entre o conteúdo dos saccos de viagem. Mas os officiaes aduaneiros não se detiveram ahi. Rasgaram os saccos até que cada pedaço de couro ficasse separado e descoberto.

— Agora os procuraremos em sua propria pessoa, Slippery Jim — disse o inspector, asperamente.

Com um gesto de resignação, Mr. Hemmingway consentiu.

Dedos ageis despojaram-no de suas roupas, mas o resultado foi o mesmo.

Mr. Conklin, que tinha sido, até ahi, mais ou menos um espectador, segurou a pesada bengala de Slippery Jim.

— Vou lançar uma vista d'olhos sobre isto! — exclamou, já arreliado, o inspector January, na grande e desagradavel sensação de quem se encontra deante da derrota.

(*Continúa no proximo numero*)

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

O REI DO JAZZ

Da Universal

Cinema PATHE' PALACE — Este filme merecia mais propriamente o titulo de "Symphonia da Côr". Elle é, antes de mais nada, o espelho nitido da vertigem esthetica que domina o mundo. Se Whiteman quiz interpretar essa feição mundial, elle o realizou com poder de verdade que nunca até hoje foi attingido. A impressão que nos ficou, ao fechar-se a ultima scena (?), foi a de estonteamento. "O rei do jazz" segura o espectador na poltrona e submette-o a uma tortura agradavel de impressões, que lhe não deixa aos nervos um segundo de descanço. Fica-se esgotado. Qualquer daquelles grandes quadros seria um final estrondoso dum filme de valor. De metragem limitada em cada quadro, ainda da nossa retina se não apagou a sua impressão encantadora, logo outro nos surge, marcado de originalidade inconfundivel, de extremada perfeição technica, de originalidade de motivos e de uma variedade estonteante em espirito de observação.

Teremos de affirmar, por isso, que o filme da Universal é a ultima palavra em arte cinematographica? Não. Ha uma falha sensivel: o humorismo, o espirito comico, a nota provocadora de riso, que viesse da primeira á ultima scena, que manifestamente lhe falta. Sendo, como é, um filme technicamente formidavel, é um filme secco. Se essa "nota" alli estivesse, valeria dez vezes mais. Sendo considerado pelo aspecto technico e original, é uma soberba obra de arte da tela. Nada lhe falta, sob esses pontos de vista. E colorido nunca, em filme algum do mundo, se nos apresentou com essa perfeição delicada, expressiva, nitida e bella. A composição dos quadros, na disposição das figuras e na originalidade dos motivos, é uma demonstração de real talento e de incontestavel bom gosto dos homens que os crearam. A technica da movimentação é de grande originalidade, não obstante terem-se creado sob esse ponto de vista grandes maravilhas nos studios de Hollywood. Apontem-se neste caso os angulos do inicio do filme com a magistral orchestra de *jazz-band* dirigida por Whiteman. A delicadeza de certos motivos é tambem uma qualidade a salientar. Sirvam como exemplo os quadros magnificos, cheios de inspiração, de graça e de delicadeza, que nos dão á noiva através os seculos, quadros que, aliás poderiam ter maior desenvolvimento.

Esta nota vae longa e não nos permitte o espaço maior desenvolvimento. Não é, porém, possivel deixarmos de fazer uma referencia especial á musica de Whiteman, que vem desde a desharmonia louca do *Jazz* barbaro até ao fino, emotivo, encantador sonho de harmonia que é a canção do véo nupcial. Se o genio póde ser o inspirador desta balburdia musical que é a arte do *jazz*, não é favor affirmar-se que a musica deste filme é uma obra de genio. O grande maestro norte-americano cercou-se de executantes modeladores na sua difficil e perturbadora feição artistica. Registre-se ainda, a par de todas as bôas qualidades desta pellicula, o excellente trabalho de captação e exhibição do som, nitido, forte, de *nuances* perfeitas que impressionam admiravelmente o publico.

A apresentação do filme para a lingua portugueza foi feita pelos artistas brasileiros Olympio Guilherme e Lia Torá, o que agradou e sensibilizou o publico. Olympio é uma figura elegante, mas a sua voz não se adaptou ainda ao processo. E' cava, hesitante, e, por vezes, incomprehensivel. Lia comprehendeu-se melhor. E que encantadora figura de Saxe ella nos surgiu!...

Cotação — OPTIMO

SORTE

GILBERTO VEIGA

— Você precisa, quanto [illegible], consultar Madame Lecafour, para que ella lhe cure essa "bola" que anda girando.

Assim falava, em ar de troça, Leonel Savastano ao seu amigo Dionysio Guerra, ambos sentados á mesa de marmore de um elegante *bar* da cinelandia carioca.

Contavam ambos com fortuna consideravel e tinham, mais ou menos, a mesma idade: de 33 a 35 annos. Solteirões impenitentes e bohemios inveterados. Bebiam *cock-tails* e dialogavam sobre mulheres, theatros, turf e mil mundanices outras.

Madame Lecafour, franceza de nascença e de temperamento, encontrava-se no Rio ha cerca de dois mezes, e abrira o seu consultorio de cartomancia á rua das Laranjeiras, onde, habilmente, conseguira uma clientela composta da fina flor da *élite* desta Sebastianopolis maravilhosa.

— As cartas são infalliveis! — dizia ella, com o melhor dos seus sorrisos a brincar entre os lábios pintados, ao primeiro incauto ou á dama elegante que solicitava os seus serviços e a sua sabedoria.

Intelligente, conhecedora dos effeitos que produzem os objectos bizarros e raros, arranjara, com pouco dispendio e muita suggestão, uma saleta forrada de carmezim, uma pequena mesa de pau setim, rodeada de cadeiras delicadas, e, pendente do tecto, uma lampada mortiça velada por um abat-jour côr de rosa, enchendo de mysterio aquelle recanto perfumado. Sobre a mesa, dois baralhos de cartas de jogar, volumosos e novos. Pequenos quadros representando nymphas e faunos e outros objectos dispostos com arte e bom gosto. No centro da parede, uma moldura, dourada com singeleza, tinha algo escripto, onde se liam os preços das consultas, os quaes variam de accôrdo com o desejo e a posição social do consulente. Para tanto, Madame se fizera profundamente psychologa e, á primeira vista, o seu maior cuidado era observar a apparencia de quem a procurava, taxando, então, o valor de taes e quaes serviços, preço quasi nunca regateado pela dama perfumada ou cavalheiro elegante e gentil.

Quem passasse naquella elegante rua (principalmente ás tardes), veria grande numero de automoveis parados, ao longo da calçada, fechados, e na sua maioria particulares.

Para ali affluia, diariamente, uma multidão. Uns, impellidos pela desconfiança; outros, empurrados pelos maus negocios, e ainda outros movidos pela curiosidade, por passatempo ou simples troça.

O certo é que Madame tinha sempre alguma coisa certa para dizer ao consulente. Toda vida é, mais ou menos, idêntica. Por isso, ella, depondo as cartas, ia dizendo sempre a mesma coisa, com pequenas variantes, sondando o caracter pela expressão physionomica, avançando com coragem ou recuando com palliativos, na certeza plena do exito final.

• • •

Eram quatro horas da tarde quando a "barata" azul de Leonel parára á porta da famosa cartomante. Contrastava com a quasi totalidade dos carros ali em longa fila: vinha de capota arriada e os seus passageiros sorridentes e javiaes. Delia desceram os dois amigos palestrando, deram accesso a quatro ou cinco degraus de marmore e encontraram-se na saleta de espera. Achava-se ali grande numero de moças perfumadas e enluvadas, e damas de véos sobre o [illegible]no. A' [illegible], uma moçoila, trajando á oriental, entregou-lhes, sem uma palavra, duas pequeninas chapas de metal branco com algarismos gravados, as quaes determinavam, pela ordem, as entradas na sala vermelha do mysterio. Leonel, recusando a que lhe fôra apresentada, dissera ser uma sufficiente para os dois: pagariam dobradamente.

A espera foi longa. E, emquanto isso, os dois amigos matavam o tempo fumando, rindo e observando, com criticas e epigrammas, as pessoas ali reunidas tão severamente, para fim tão divertido.

Savastano idealizára aquella consulta e Dionysio approvara, com o intuito de fazer pilhéria.

— Sessenta e tres! — disse, por fim, uma voz aflautada através de um reposteiro de velludo encarnado que se abrira.

Sessenta e tres. Elles entreolharam-se e, sem acanhamento nem emoção, rindo sempre, penetraram na sala onde a cartomante, sentada, os esperava.

Coube a Leonel o primeiro logar. Este, a despeito da pouca ou nenhuma crença naquella "historia", como dizia, manteve-se em correcta attitude, acatando com respeito o que lhe ia dizendo Madame Lecafour.

Não fôra demasiado longa a descripção da sua vida e, como as cartas lhe augurassem prazeres, viagens e "dinheiros grandes pelos bons caminhos da herança", deu-se por muito satisfeito e cedeu a vez ao amigo que o secundava.

Dionysio, ao cortar o baralho, esboçou um sorriso ironico, como quem diz de si para si: "Que grande embuste!"

Notando-o, a cartomante sentiu-se humilhada na sua arte e, cenhôsa, pondo sobre a mesa uma carta após outra:

— E' solteiro. No decorrer da sua vida, outra coisa não tem feito se não gastar dinheiro sem proveito. Creou-se em torno da sua personalidade, sem que o senhor o sentisse, um ambiente de cubiça e rancor. A cotação que o valoriza, por parte das mulheres e dos amigos,

PREÇO 4$000

Lampadas

EDISON MAZDA

FOSCAS INTERNAMENTE

para todos os fins de illuminação

A venda em todas as casas de electricidade.

346

GENERAL ELECTRIC

provém, pura e unicamente, do dinheiro que possue, espalhando-o tão desastradamente, e da posição social em que se encontra. A bohemia tem sido o ponto da sua maior preoccupação. Sua vida, porém, vae mudar de curso. Dentro de dois mezes, si tanto, casar-se-á. Sua consorte será loura e doidivanas, fazendo-o desgraçado para sempre. Emprehenderá uma viagem de nupcias, que terá a duração de tres mezes, mais ou menos, felizes. Em breve, a sua esposa se fartará de si, preterindo-o por um rapaz ruivo, de bella apparencia. O desespero se apossará por completo do seu ser, pouco affeito aos embates rudes da existencia, acostumado, como está, a ser obedecido e cubiçado. Passará as noites nos lupanares, que, longe de minorar o seu estado, mais o desgraçarão. Entregar-se-á aos vicios mais funestos: jogo, alcool, cocaina... Poucos mezes depois, a pobreza lhe baterá á porta e, com ella, o desprezo e o opprobrio. Verá então, numa debandada, toda essa avalanche de mulheres bellas e homens fingidos. Passará, na multidão que rasteja, como uma sombra: indifferentemente.

E, pondo as duas ultimas cartas do baralho, sentenciou, raivosa e rouquenha, observando que as suas palavras produziam effeito:

S O R T E

(Conclusão)

— Que vejo! O fim da sua vida, inutil á humanidade e ao bem, será como todas as existencias trancadas neste egoismo que o domina: tragico!

* * *

São decorridos dois lustros do dia em que Dionysio Guerra, rico, feliz e despreoccupado, estivera em casa de Madame Lecafour.

Pela manhã, muito cedo ainda, o telephone da policia tilintara e alguem communicava a macabra pesca de um homem sem vida, boiando á flor das aguas magestosas da encantadora bahia de Guanabara.

No necroterio, medicos e ajudantes procediam á autopsia daquelle anonymo, sem vida, sem ainda estabelecer a identidade do morto.

Tudo fazia crer tratar-se de um mendigo, a quem o desespero ou a fome levara ao extremo da penuria e, consequentemente, ao suicidio: cabellos crescidos, barba por fazer, unhas longas e mal tratadas, sapatos rotos e fato esburacado e nodoso.

Os olhos esbugalhados, carcomidos pelos peixes, labios macerados e roxos pela acção da asphixia, dedos hirtos, alguns em decomposição, todo esse conjuncto de materia inerte inspirava horror e medo.

Revistaram-lhe os bolsos. Com surpresa geral, contrastando com a apparencia do morto e a necessidade que, em vida, por certo, lhe acompanhou os passos, encontraram uma pequena carteira de authentico couro da Russia e nella, cuidadosamente guardada, uma medalha de ouro cinzelado, com um rubi oriental de tamanho regular, duas datas e, no verso, entrelaçadas com arte e gosto, duas palavras em estylo gothico: Dionysio-Zaira.

* * *

Os jornaes, laconicamente, fizeram daquelle caso, commum e frequente na vida diaria de uma grande cidade e, á tarde, sem uma flor, sem uma lagrima, sem o minimo acompanhamento, o "rabecão" da policia levára á cova raza o corpo inanimado e frio, daquelle suicida incognito, que se fechára para sempre, levando comsigo o segredo da sua vida e a tragedia do seu fim.

Antes de sair applique o

CREME HINDS

Quer seja num passeio de automovel

Quer sáia a pé

O Creme Hinds protege a sua pelle

O uso do Creme Hinds amacia a pelle, protege-a, dá-lhe vigor — louçania

— alvura — além de limpal-a e cural-a de qualquer molestia ou estrago.

e ao voltar applique o

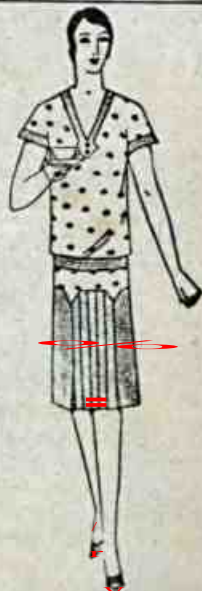
CREME HINDS

Visitas inesperadas

nos dias de indisposição natural. Que tranquillidade o saber que Modess offerece segurança absoluta! ♦ ♦ ♦ É a toalha sanitaria moderna de incomparavel commodidade cujo enchimento, suave e absorvente, se dissolve totalmente na agua corrente. ♦ ♦ ♦ O seu lado impermeavel torna a protecção ainda mais efficaz.

Experimente-a e convença-se.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

O que nem todos sabem

A maior parte do papel para escrever que se usa na França, Hespanha e Italia é fabricado na Inglaterra.

* * *

Segundo estatisticas ultimamente divulgadas na Hollanda, a capital que conta menor numero de analphabetos é Berlim, cuja percentagem é de 0,43 %.

A' capital allemã seguem-se Praga, com 0,69 %, e, entre outras, Paris, com 3,36 %; Budapest, com 4,76%; Roma, com 10,9%; Moscou, com 13,81 %.

Teheran, capital da Persia, occupa nessa relação o ultimo logar, com 82,17 % de illetrados.

* * *

A policia de Constantinopla prohibiu, recentemente, o uso dos espelhos applicados na parte interna dos parabrisas dos taxis.

A medida, que póde ser julgada estravagante, tem sua justificação no resultado de longas observações feitas pelos inspectores de vehiculos: os chauffeurs distrahiam-se do seu trabalho para olhar, através do espelho, o que faziam os passageiros dentro dos respectivos carros. Só a muito custo se observou que a causa de muitos desastres devia ser encontrada na continua distracção demonstrada pelos chauffeurs de carros de aluguel.

Vê-se que a curiosidade na Turquia — e deve ser o mesmo nos outros paizes — não pertence só ás mulheres que, ainda hoje são, no emtanto, as mais accusadas...

* * *

Os lagartos se reproduzem por meio de ovos, que depositam em logares mais ou menos preparados de antemão. Alli os deixam ao cuidado dos calores solares e das condições de humidade da terra. Os pequenos lagartos, ao sahir dos ovos, se acham perfeitamente formados e são capazes de lutar pela existencia desde o instante em que vêem a luz.

* * *

Muito se tem discutido sobre qual é a mais inferior das raças humanas. Na opinião, porém, de muitos anthropologos, tão triste privilegio cabe aos habitantes das ilhas Adamão, que ignoram o uso da roupa e do fogo.

* * *

A Cidade do Vaticano, com a população de 500 habitantes, possuirá um systema telephonico de 800 apparelhos. Em se tratando de um Estado separado, tal facto constitue provavelmente o maior desenvolvimento telephonico verificado em qualquer parte do mundo. San Francisco, que figura na vanguarda das cidades norte-americanas, tem approximadamente 31 telephones por 100 habitantes.

No Vaticano, o telephone para uso pessoal de Sua Santidade o Papa será de ouro, contendo as armas pontificias e outros ornamentos de madreperola. Poderá elle, ainda, telephonar directamente ás outras dependencias, sem o auxilio de mesa central de telephonistas.

O secretario do Estado papal e outros vultos eminentes do clero terão tambem os telephones dotados de linhas particulares para os varios mistéres, além de se manterem em communicação com o systema central de ligações.

HOMENAGEM FLORAL

De ELENA LAGAR

— Que tal está hoje o dia, Rosa?

— E' uma manhã divina, sonora, clara.

Ante a affirmação categorica de Rosa, salto da cama e me visto, cantando baixinho para não despertar Jorge e corro ao jardim. E' verdade. E' uma linda manhã! E que sol magnifico!

Será para lhe sorrir que se abriram tantas rosas e que os crysanthemos se erguem orgulhosos, despregando a riqueza das suas infinitas petalas douradas, brancas ou rosadas, e que as violetas assomam, com as suas carinhas sympathicas, entre as demais?

Não ha a menor duvida. Acaso eu mesma não escolhi o meu vestido mais bonito, para vir saudal-o?

E' pena que Jorge não possa admiral-o como eu. Mas não me atrevo a despertal-o. Si dormiu tão tarde da noite.... Ademais, elle disse que prefere ver todas as bellezas da natureza, em meus olhos e nos meus labios, emquanto lh'as descrevo á hora do almoço. Gosta tambem muito mais de trabalhar á noite, na tranquillidade da casa silenciosa, vendo-me dormir placidamente, do seu quarto de trabalho.

* * *

Quando penso que trabalha tanto para mim, para satisfazer os meus caprichos, me envergonho um pouco de ser egoista, e desejaria fazer alguma coisa que lhe causasse prazer.

Mas em uma manhã radiante como esta, só me occorre cantar no jardim, emquanto colho flores para enfeitar nossa casa.

Ah! já sei com que lhe ser agradavel! Levarei meu ramo de flores á sepultura do seu irmão — esse sympathico rapaz que não conheci pessoalmente, porém de quem me fala com tanto enthusiasmo e carinho, a ponto de me fazer querel-o e choral-o.

Sim, é isso. Hoje, que estou tão alegre, irei levar-lhe minhas melhores rosas. Elle, que foi em vida todo bondade, todo alegria e que soube morrer tão simplesmente, apreciará a offerenda desta irmãzinha que se sente feliz, muito feliz.

Com o meu grande ramo na mão e uma canção nos labios, salto para o trem e me sento junto á janella, para continuar admirando o sol bemdito, que vivifica tudo que beija e toca, emprestando-lhe o seu brilho e o seu esplendor.

A' minha frente, vae um joven, vestido com muita correcção, si bem que modestamente, e leva na mão um bouquet de violetas.

Na golla do paletó leva um distinctivo de luto, e o seu olhar, fixo no espaço, é tão triste e tão doce, que imagino que sonha com a sua mãe ou com a sua noiva, uma joven boa e bonita.

Pobre rapaz! Como desejaria darlhe um pouco da minha alegria! Tem um aspecto de inconfundivel bondade.

Em Paternal desperta do seu somno e, descendo do trem, dirige-se, como eu, á Chacarita.

A curiosidade e a sympathia me fazem apressar um pouco os passos, para ver aonde ia elle depositar as suas violetas. As sepulturas e mausoléos dos cemiterios são imponentes e infundem no animo dos visitantes uma sensação de soledade, de tristeza aterradora. Mas as covas no solo, cobertas de hervas, deixam tanto espaço livre para que o sol possa passear sobre ellas, que mais que um cemiterio pareça um jardim mystico, onde cada planta e cada flor adora uma cruz, e a gente sente o desejo muito intimo, porém, nada triste, de rezar juntamente com ellas.

Por isso, prefiro entrar pela porta dos fundos, onde dormem os mortos, sem infundir terror a ninguem, banhados pelo sol, que é vida e alegria, e cobertos maternalmente pelo musgo e uma cruz.

O meu companheiro foi ter a uma dessas sepulturas. Era um pedacinho de terra, coberta por uma lapide e tão cuidada que me pareceu mais artistica do que muitos mausoléos.

Collocou as suas violetas soltas na sepultura humilde, ao pé da cruz, como si adornassem os cabellos de uma mulher.

Fincou um joelho em terra e o busto se inclinou para o solo, numa attitude varonil, de dôr e desconsolo, que me senti verdadeiramente commovida. E, ao enfrentar a tumba, pude ler o seguinte: "Maria I. de Ruiz. Fallecida aos vinte annos, em 5 de julho de 1929".

— Aos vinte annos! A minha idade! Em pleno fulgor da existencia! Maria J. de Ruiz! Esposa amada, no meio de grande ventura de amor!

Não pude conter-me. E, sem reflectir no que fazia, vendo a dôr desse pobre moço, acerquei-me delle e toquei-lhe brandamente no hombro.

Levantou os olhos, e balbuciou, confundido:

— Senhorita?

— Senhorita, não; senhora como ella, e amada como ella. Offereço-lhe todas as minhas flores.

E estendi-lhe o ramo, do qual destaquei apenas uma rosa, a mais linda.

— Obrigado, senhora, pela sua sympathia. Mas não posso consentir que prive dellas a tumba a que as destinava.

— Oh! Eram para alguem que, estou certa, se alegrará com o destino que lhes dou, e vêm de uma mulher feliz que comprehende a sua dôr. Demais, o senhor não póde recusar, uma vez que são para ella.

E afastei-me, deixando em suas mãos o meu formoso ramo. Depois, de joelhos, disse:

— Querido irmão! E' verdade que te alegra saber que tuas flores cobrem a terra, onde dorme essa joven, e que consolam esse rapaz, bom e enamorado, que não póde trazer senão umas simples violetas?

Sim, deve alegrar-te!

E tu, que amaste tanto a vida e que, sem embargo, soubeste morrer sem pena, para não entristecer a ninguem, deves comprehender que eu ame a vida; queira com toda a minha alma a Jorge, e que, num dia como o de hoje, sinta a immensidade da minha ventura, e agradeça a Deus a sua bondade, como a unica coisa com que possa provar-lhe a minha gratidão: — com a minha alegria!

Quem é bom já nasce feito

Querer-se ter face bonita,

Sem rugas, cravos, catita

A pelle fina, d'escol;

Perfume delicioso,

Economico, espumoso?

Só sabonete Eucalol.

JOÃO, O CAÇADOR

DE JAVIER DE VIANA

QUAL seria o seu verdadeiro nome?

Ninguem o sabia. Nem elle mesmo, provavelmente.

Algumas vezes era Gonzalez, outras, Rodriguez, Fernandez ou Perez; e si alguem o fazia notar essas contradicções, elle encolhia os hombros, respondendo:

— Que sei eu? Que importa o appellativo? Nós pobres somos como os cachorros. Temos um nome só: Tigre, Picazo, Nato, Barcino... Para que mais?

No seu caso, com effeito, elle era um individuo sem nenhuma importancia.

Dormia e comia nas casas onde o chamavam para algum trabalho extraordinario: podar as parreiras, construir um muro ou fazer umas empannadas em dias de sol; concertar um relogio ou uma machina de costura; cortar cabello ou redigir uma carta.

Porque elle entendia de tudo. Mesmo medicina e veter naria.

Terminado o seu trabalho, que sempre era remunerado — com o que lhe queriam dar — caminhava, sem rumo, ao acaso.

Toda a sua riqueza era uma egua. Uma egua tão mal tratada, tão doente que, mesmo sendo elle magro e leve como uma penna, ella não o podia carregar.

Mas João marchava quasi todo o tempo a pé, levando ao hombro a sua velha espingarda, que não abandonava nunca.

Adeante, ia elle; atraz vinha a egua, seguindo-o como um cachorro. Detendo-se, ás vezes, ella comia a herva do caminho. E logo proseguia.

Algumas vezes, apparecia um pasto verde e abundante; e o animal demorava-se, a comer o capim, e levantava de quando em quando a cabeça, como si dissesse: "Deixa-me aproveitar o ensejo".

E João, comprehendendo o bucephalo, sentava-se á margem da estrada, e esperava, pacificamente.

De todos os modos, nunca tinha pressa, posto que nunca ia a parte alguma com um proposito qualquer.

Sempre tinha o que comer: um pouco de carne, pão e fructas. Dormia no solo, que, para elle, era como um macio colchão. O céo, cheio de estrellas, era o seu tecto.

* * *

Terminado o repasto, o animal e o dono delle se punham em marcha. João se detinha, a meúdo, para fazer fogo sobre os passaros que se lhe apresentavam. Habitualmente, elle só matava passaros.

Quando acabava a munição e o dinheiro lhe faltava, é que elle atirava sobre as lebres e veados, unicas peças que apanhava, para trocar por comida e polvora.

Quando, no rigor das sestas os trabalhadores dali ouviam uma detonação, exclamavam, convictos:

— Ahi vem "Matapassaros."

E preparavam-se para approveitar a opportunidade da sua presença, afim de lhe confiarem pequenos e breves serviços. — Ahi andam o louco e os passaras — dizia outro, sem demonstrar a menor estranheza.

A principio, despertou geral cur osidade aquella guerra encarniçada aos voadores, aos innocentes passarinhos, pois convem advertir que João jamais fazia fogo sobre as aguias e outros rapaces. Estes lhe mereciam todo o respeito.

* * *

Com o decorrer do tempo, todos se convenceram de que era uma idiotice do homem, como outra qualquer. E não se preoccupavam mais com o caso.

E, por sua vez, taciturno, elle guardava um inquebrantavel silencio em relação a todas as perguntas que lhe eram feitas.

Uma tarde, uma tarde de chuva, ia elle mal humorado; pois no transcurso de uma hora de marcha, a pé, não havia encontrado um só passarinho para abater.

— Escondem-se! — exclamava elle. — Mas é inutil, porque acabarei por lhes descobrir o paradeiro.

Andando, viu no alto de uma porteira um ninho de passaros. O macho, muito tranquillo, muito confiante, montava guarda á porta da sua morada — que para elle era um palacio de barro e gravetos.

João, respeitando a superstição gaúcha, nunca havia atirado sobre aquelles passaros: os horneros.

Nesse dia, elle vacillou.

— Faz de contas que elles ahi não estão...

No emtanto, pensou depois algum tempo. E passados esses momentos de indecisão, levou o fuzil ao rosto, e apontou sobre as aves. Apertou o gatilho, e um tiro partiu, com estrondo.

O que se deu, porém, foi extraordinario: o caçador rolou por terra, todo ensanguentado. O tiro lhe saira pela culatra; e o seu rosto e peito haviam sido attingidos pelos estilhaços da arma esphacelada.

Mãos piedosas foram recolhel-o já moribundo; e só então, no meio da incoherencia do delirio, foi que elle revelou o seu segredo...

— Quando a minha mulher me fugiu, a velha Casilda, a cartomante deitou as cartas para mim...

Disse ella que, morrendo Luisa, a sua alma iria esconder-se em um passarinho... Jurei matar todos elles... Por isso, não dava treguas aos pequenos passaros. Estou certo de que a alma de minha mulher estava naquelle hornero... Atirei sobre elle... A minha espingarda rebentou... Eis porque me aconteceu esta desgraça... Que Deus me perdôe!...

Versos

PAINEL NOCTURNO

Noite estiva e augural. Na aza da treva immota,
Há um frêmito de susto, a errar de instante a instante.
Grasnam rans onde o escárneo em lôdo impuro brota;
E' o gemito feral no espaço ecôa, adeante...

Dorme o aldeão feliz, em rústica aldeota;
Ao longe, de cascata um quérulo descante...
Exsurgem duendes mil, e a terra se alvorota;
Piscam olhos de huris no páramo estellante...

De onde em onde, o chirrear de estrige aturde o ambiente.
Além, festões abrindo á irradiação pallente
Dos astros, um vergel aroma espalha a flux...

E, no suave frescor de um verdejante prado,
— Scentelha sôlta no ar, — vivo, errabundo e alado
Pharol da solidão, — lampeja um noctiluz!

OTHONIEL BELLEZA

H A Y D É E

Tem, apenas, tres annos, minha filha
Mais nova. Que de encantos nella vae!
Não é linda, porém, qual astro brilha
Dentro em meu coração feliz de pae.

Desde que a aurora surge (ó maravilha!),
E' um passarinho, que do ninho sae
Cantando, e coisas mil ella estribilha,
Numa tagarelice que distráe.

Em alvoroço traz, alegremente,
A casa, e com os irmãos, correndo á frente,
Brinca; porém, si, tropeçando cáe,

Logo fala: "O' mamãe!" e, soluçando,
Se levanta e, a chorar, me procurando,
Diz: "Eu quero brincar é com papae!"

HERNANI RAMIREZ

VELHO COQUEIRO

Plantado na colliva,
jamais se inclina
aos ventos
turbulentos,
que lhe emmaranham toda a cabelleira,
numa caricia tremula e brejeira...
.. ..

Ha quantos annos
supporta esses embates deshumanos?
.. ..

Ao despertar do Sol, bem cêdo,
eu vou a mêdo
abrir minha janella,
e sempre ao meu olhar elle revela
algum aceno leve,
que descreve,
com braços verdes, braços de setim,
— aceno que elle faz só para mim...
E elle me fala em todos os seus gestos
sempre lestos: —
— Bom dia, amigo! O Sol desponta,
e em cada ponta
de minhas palmas, qual se fôssem urnas
as gôttas do sereno (lagrimas nocturnas
de estrellas mui distantes)
já transformou em rútilos brilhantes!
Bem vês. E' mais um dia
que principia...
São mais algumas illusões perdidas
em vossas vidas.
Ao ver algum perigo,
lembra-te sempre deste velho amigo:
não vergues nunca!
E si o Destino junca
o teu caminho
de emmaranhado mattagal damninho,
abre, risonho,
as palmas verdes do teu Sonho!
Vê meu exemplo mudo
e adora a Vida, a Natureza e tudo
aquillo que puderes vêr
numa alegria eterna de viver!...

MANOEL F. DE ARAUJO JORGE